

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CAMPUS REGIONAL DO VALE DO IVAÍ  
COLEGIADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ISYS MARA KURTZ DE SOUZA**

**INVESTIGAR A COMPREENSÃO DAS CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO,  
SEXUALIDADE E DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES NO  
“PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINAS E MENINOS DO VALE  
DO IVAÍ/PR”.**

**IVAIPORÃ**

2018

**ISYS MARA KURTZ DE SOUZA**

**A ATUAÇÃO DAS/OS ACADÊMICAS/OS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO  
“PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINAS E MENINOS DO VALE  
DO IVAÍ/PR” E AS RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E  
DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Estadual de  
Maringá – UEM como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado  
em Educação Física.

Orientadora: Prof. Me.Thais Godoi de  
Souza.

**IVAIPORÃ**  
2018

**ISYS MARA KURTZ DE SOUZA**

**A ATUAÇÃO DAS/OS ACADÊMICAS/OS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO  
“PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINAS E MENINOS DO VALE  
DO IVAÍ/PR” E AS RELAÇÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E  
DIFERENTES CONFIGURAÇÕES FAMILIARES.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado à Universidade  
Estadual de Maringá, Centro de Ciências da  
Saúde, como requisito parcial para obtenção  
do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Me. Thaís Godoi de Souza

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Paula Marçal Natali

---

Prof. Me. João Paulo Malagutti

Dedico este trabalho a minha esposa Suzane que me apoiou muito nos momentos difíceis e alegres da minha vida, e nunca mediu esforços para me ajudar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a DEUS, que me deu forças para concluir essa etapa.

Agradeço muito a minha esposa Suzane, que esteve sempre ao meu lado, dando apoio, compreensão e estímulo.

Agradeço aos meus pais e também a minha irmã que mesmo distantes me deram apoio para ingressar na Universidade Estadual de Maringá/PR.

Agradeço ao Titanic pela companhia durante todo o processo deste trabalho.

Agradeço a todas/os do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR: Bruno, Bruna, Leticia, Jaqueline, Daise, Lucas, Luiz Eduardo e Luiz Nunes, Vanessa.

Agradeço as pessoas que aceitaram participar deste estudo, as crianças e adolescentes do Projeto e a seus/suas responsáveis.

Agradeço também a fundação araucária por ter me ofertado bolsa durante 4 anos para o desenvolvimento deste trabalho.

Em especial, um agradecimento as minhas orientadoras, Cássia Cristina Furlan, Paula Marçal Natali e Thais Godoi de Souza por todo tempo que dedicaram em me ajudar durante o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada!

Agradeço aos professores participantes da banca examinadora que dividiram comigo este momento tão importante e esperado.

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a elaboração deste estudo. Muito Obrigada!

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender (Paulo Freire).

## RESUMO

Neste estudo abordamos as intersecções entre gênero, sexualidade, diferentes configurações familiares e suas relações com o “Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR”. O objetivo desse estudo foi analisar a compreensão das crianças participantes do projeto “Brincadeiras” acerca do conceito de família; Investigar as diferentes configurações familiares das crianças participantes do projeto; Identificar as influências dos papéis de gênero assumidos e/ou como as representações de gênero se inserem nas concepções dos papéis desempenhados por homens e mulheres dentro das famílias, na perspectiva das crianças; e verificar como tais concepções acerca dos papéis de gênero podem interferir na possibilidade de uma educação mais inclusiva, a partir da perspectiva das crianças. O estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, desenvolvida com meninas e meninos moradores/es do Bairro Vila Nova Porã (Maneco) de Ivaiporã-PR que participam frequentemente do Projeto. Realizamos, ao longo das intervenções do projeto, produção de relatórios de observação e entrevistas semiestruturadas. Através do desenvolvimento deste trabalho podemos analisar a grande necessidade das discussões de gênero serem consideradas e realizadas na educação, inclusive no âmbito escolar, para que tanto as crianças quanto educadoras/es entendam que as questões das desigualdades precisam ser desconstruídas compreendendo as diversas formas de constituições familiares e de papéis assumidos na sociedade para que a mesma seja mais justa. A educação física facilita essas relações, dando apoio para que a educação social esteja nas escolas, em salas de aulas com as crianças e adolescentes e também na comunidade com pais/mães, familiares, pois ela possui um amplo campo de atuação e conteúdos que permitem a discussão sobre a construção e desconstrução de preconceitos no meio social.

**Palavras-chave:** Identidade de Gênero. Configuração Familiar. Projeto Brincadeiras. Educação Física.

## ABSTRAT

It was approached in this study the intersections among gender, sexuality, different family configurations and their relationships with the "Playing with Boys and Girls Project in Ivai Valley/ PR". The aim of this study was: to analyze the understanding of the children participating in the project "Playing" about the concept of family; Investigate the different family configurations of the children participating in the project; Identify the influences of assumed gender role identity and / or how gender representations fit into the conceptions of the roles played by men and women within families from the perspective of children; and check out how such conceptions of gender role identity may interfere with the possibility of more inclusive education from the perspective of the children. The study was characterized as a qualitative research of the ethnographic type, developed with girls and boys living in the Vila Nova Porã neighborhood (Maneco) of Ivaiporã-PR, who frequently participate in the Project. It was carried out, throughout the project interventions, production of observation reports and semi-structured interviews. Through the development of this study, we can analyze the great need for gender discussions to be considered and performed in the school environment, so that both children and educators understand that the issues of inequalities need to be dismantled by covering the various forms of family constitutions and roles assumed in society to make it more righteous. Physical Education facilitates these relationships, providing support for social education in schools, in classrooms with children and adolescents and also in the community with fathers / mothers, members of the family, since it has a wide field of action and contents that allow the discussion about the construction and deconstruction of prejudices in social environments.

**Keywords:** Gender Identity. Family Configuration. Playing Project. Physical Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AESMAR - Associação de Educadores Sociais de Maringá

ATI – Academia da Terceira Idade

CRV – Campus Regional do Vale do Ivaí

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

MNMMR – Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua

PCA – Programa de Defesa de Criança e Adolescente

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEM – Universidade Estadual de Maringá



## LISTA DE APÊNDICES

<b>Apêndice A</b>	<b>Roteiro de observação .....</b>	<b>61</b>
<b>Apêndice B</b>	<b>Roteiro de entrevista semiestruturada .....</b>	<b>14</b>
<b>Apêndice C</b>	<b>Termo de consentimento livre e esclarecido para menores .....</b>	<b>63</b>

## **LISTA DE ANEXO**

<b>ANEXO Fotos do evento em comemoração ao dia das crianças.....</b>	<b>66</b>
--	-----------

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Metodologia.....</b>	<b>15</b>
1.1.1 Tipo de estudo.....	15
1.2 População e amostra.....	15
1.3 Instrumentos de medida.....	16
1.4 Procedimentos de coleta de dados .....	17
1.5 Análise dos dados.....	17
<b>2 EDUCAÇÃO SOCIAL E O PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINAS E MENINOS DO VALE DO IVAÍ/PR .....</b>	<b>19</b>
2.1 O Projeto brincadeiras com meninas e meninos do vale do Ivaí-PR.....	20
<b>3 A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA PELAS CRIANÇAS PARTICIPANTES DO PROJETO BRINCADEIRAS.....</b>	<b>27</b>
3.1 A compreensão de família pelas crianças do projeto Brincadeiras.....	36
3.2 As diferentes configurações familiares das crianças participantes do projeto .....	37
3.3 Estranhamento das Crianças em relação aos diversos arranjos familiares.....	40
3.4 Violência dentro das famílias.....	41
<b>4. AS INFLUÊNCIAS DOS PAPEIS DE GÊNERO ASSUMIDOS E/OU COMO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO SE INSEREM NAS CONCEPÇÕES DOS PAPEIS DESEMPENHADOS POR HOMENS E MULHERES DENTRO DAS FAMÍLIAS NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS .....</b>	<b>45</b>
<b>5. A ATUAÇÃO DO/A EDUCADOR/A DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DOS PAPEIS DE GÊNERO E ARRANJOS FAMILIARES .....</b>	<b>47</b>

5.1 O papel do/a professor/a de educação física na educação social.....	48
5.2 Configurações familiares e a necessidade de uma educação inclusiva.....	51
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>60</b>
<b>Anexo.....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procura descrever a diversidade de configurações familiares das crianças e adolescentes participantes do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR, buscando analisar a compreensão das crianças e adolescentes acerca dos papéis de gênero, construídos e legitimados socialmente.

O Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR, tem o intuito de trabalhar com crianças e adolescentes por meio de brincadeiras orientadas, este Projeto iniciou-se em Ivaiporã por uma extensão do “Projeto Brincadeiras de Maringá /PR”, após sua instalação no bairro houve modificação de sua nomenclatura para “Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR”. Tanto o Projeto de Maringá, quanto o de Ivaiporã tem o intuito de brincar de forma orientada com as crianças do bairro. No ano de 2017, contávamos com um grupo de nove acadêmicas/os participantes, grupo este formado apenas por acadêmicas/os do curso de Educação Física do Câmpus Regional do Vale do Ivaí/PR.

Se tratando de um projeto de Educação Social, precisamos refletir sobre seu contexto, a Educação Social é uma prática educativa que deseja conquistar direitos, portanto para que esses direitos sejam alcançados necessita de profissionais com formação compatível aos cargos a serem assumidos, entretanto a realidade vivida no Brasil é de que não há um profissional com formação para a Educação Social (SOUZA; MÜLLER, 2009).

Por meio das brincadeiras ministradas no projeto são trabalhados os seguintes princípios: respeito, compromisso, diálogo, participação e inclusão, os quais se caracterizam como alicerce da práxis. Por meio das brincadeiras buscamos criar vínculos com as crianças e adolescentes para que a partir desses princípios consigamos juntamente com eles construir formas de lidar com as dificuldades que encontram no cotidiano. Buscamos também por meio das brincadeiras orientadas ensinar as crianças e adolescentes sobre seus direitos de emancipação, construir e desconstruir paradigmas impostos pela sociedade, trabalhar a imaginação sobre o que elas desejam para seu futuro, mostrando aos mesmos que é possível sonhar, perseverar. Essas ações do projeto possibilitam aos seus participantes

exercitarem sua imaginação, estimulando-os a cooperar, opinar e também desenvolver atividades que possam trazer reflexão sobre a vida em sociedade.

A partir da inserção das brincadeiras no bairro, verificamos muitas situações apresentadas pelas crianças e adolescentes. Em 2016 nas intervenções e discussões nas reuniões do projeto brincadeiras, o olhar das/os acadêmicas/os se voltou para as questões de desconstrução dos papéis de gêneros impostos pela sociedade, visto que homens e mulheres lutam por igualdades, considerando que por muito tempo mulheres foram consideradas inferiores aos homens e submissas, mas hoje com as mudanças no mercado de trabalho e a luta do movimento feminista, novas discussões sobre família e gênero vem à tona.

Nesse contexto, a partir dessas mudanças notamos os arranjos familiares com novas configurações, nas quais nos deparamos com famílias compostas por mães e seus/suas filhos/as, por avós e netas/os, famílias homoafetivas, entre outras.<sup>1</sup> Entretanto mesmo com essas mudanças as famílias ainda sofrem preconceito por não corresponderem ao modelo da família nuclear<sup>2</sup>. Devido a essa problemática apresentada este estudo elencou o seguinte problema de pesquisa: Como as crianças do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR compreendem as configurações familiares e os papéis sociais desempenhados pelos membros da família? De que modo futuras/os professoras/es de Educação Física, atuando por meio dos jogos e brincadeiras, conseguem propiciar reflexões com crianças e adolescentes acerca das diferentes configurações familiares, identidades de gênero e papéis sociais desempenhados nas famílias?

Este estudo proporcionou uma possível desconstrução à noção binária de diferenciação das identidades de gênero aos participantes do projeto, na qual o papel do homem é, muitas vezes, visto como chefe de família e a mulher dona do lar. As discussões realizadas com as crianças e adolescentes apresentaram que há vários tipos de famílias em nossa sociedade e que tais configurações não podem restringir-se à execução de determinados papéis socialmente estabelecidos ou mesmo manter desiguais às relações entre homens e mulheres.

---

<sup>1</sup> Casais casados ou não; com partilha ou separação de bens; que moram juntos ou separados; com dependência ou independência financeira; com ou sem crianças; filhos biológicos ou adotivos; genitores morando juntos ou separados; relação heterossexual ou homossexual; cultura igual ou diferente, que formam 196 tipos diferentes de família (FACO; MELCHIORI, 2009, p.124).

<sup>2</sup> Família constituída por um homem e uma mulher, filhas e filhos.

A partir deste trabalho, considerando o contexto social mais amplo, abre-se a possibilidade de difundir o entendimento dos preconceitos que as famílias enfrentam, pois muitas não são compostas por um grupo ideal consagrado socialmente, seguindo o modelo que a sociedade prega.

Diversas famílias passam por situações de constrangimento causadas pelo fato de não ser trabalhado o tema “Identidade de Gênero” no âmbito escolar e a sociedade ainda enfatiza a permanência da família nuclear. Neste contexto esse estudo se faz importante, pois através das pesquisas relacionadas às Configurações familiares, e os direitos de igualdades entre homens e mulheres dará possibilidades de discussões mais abertas, respeitando a igualdade entre as pessoas e também a sua identidade, reconhecendo que o “seu direito acaba quando o do/a outro/a começa”.

A contribuição científica da presente pesquisa é servir como mais uma fonte teórica sobre gênero, família, Educação Física e Educação Social na segunda década do século XXI, bem como refletir a prática pedagógica na Educação Física e sua intervenção com crianças e adolescentes.

Para realizarmos este estudo elencamos como objetivo geral identificar as concepções das crianças participantes do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR, sobre configurações familiares e o papel desempenhado por homens e mulheres dentro das famílias, bem como analisar a atuação do professor de educação física na educação social. E como objetivos específicos: **a)** Apresentar o conceito de educação social, a história e atuação do Projeto Brincadeiras com meninas e meninos do Vale do Ivaí/PR; **b)** analisar a compreensão das crianças participantes do projeto acerca do conceito de família; **c)** identificar as influências dos papéis de gênero assumidos e/ou como as representações de gênero se inserem nas concepções dos papéis desempenhados por homens e mulheres dentro das famílias na perspectiva das crianças e **d)** identificar de que modo a atuação do/a educador/a de Educação Física auxilia na problematização acerca dos papéis de gênero e arranjos familiares.

## 1.1 METODOLOGIA

### 1.1.1 Tipo de Estudo

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa qualitativa e utilizou técnicas etnográficas, nesse tipo de pesquisa os dados não se restringem a números, tabelas e quadros, mas procura explicar e aprofundar a compreensão de um grupo social, de uma instituição e/ou organização. A pesquisa qualitativa é um modelo muito utilizado nas ciências sociais. “Os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 1997, p. 34 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31/32).

A pesquisa qualitativa procura analisar questões particulares, questões que não podem ser quantificadas, que estão no universo dos sentidos e significados, motivos e valores. Ela tem uma objetividade e validade conceitual (MINAYO, 2002; TRIVINOS, 2009). Por se caracterizar como uma pesquisa sobre construções sociais entende-se que ela pode melhor oferecer proposições sobre o tema estudado.

A pesquisa etnográfica é aquela que estuda uma determinada cultura, grupo social, seja ele urbano ou rural, com a finalidade de desvendar a realidade através de uma perspectiva cultural. O pesquisador participa junto com seu objeto de estudo, na tentativa de descrever os significados que são relevantes para as pessoas pertencentes àquele grupo (TRIVINOS, 2009).

### 1.2 População e amostra

O público alvo do estudo foram crianças e adolescentes participantes do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR e suas famílias. No projeto participam em média 60 crianças e adolescentes. A pesquisa contou com a participação de nove (9) sujeitos na faixa etária de 9 a 16 anos. A decisão de participação foi de forma espontânea e consentida. Após o consentimento dos sujeitos, pedimos ao seus/as responsáveis para assinarem o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE).

## Quadro de sujeitos

<b>9 Sujeitos:</b>	<b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b>	<b>Tipos de coletas</b>
D.1	Dez anos	Masculino	Entrevistado
D. 2	Nove anos	Feminino	Entrevistada
K.	Nove anos	Feminino	Entrevistada
S.	Dez anos	Feminino	Entrevistada
M.	Trezes anos	Feminino	Entrevistada
R.	Quinze anos	Masculino	Entrevistada
T.	Dezesseis anos	Feminino	Entrevistada
L.	Treze anos	Feminino	Entrevistada
A.	Onze anos	Feminino	Entrevistada
Sujeitos encontrados	<b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b>	<b>Tipos de coletas</b>
P. 1	Quatorze anos	Masculino	Relatório Obs.
P.2	Dez anos	Masculino	Relatório Obs.
J.	Treze anos	Feminino	Relatório Obs.
I.	Vinte e um	Feminino	Relatório Obs.
B.	Vinte anos	Feminino	Relatório Obs.

## 1.3 Dados Construídos

Dados Construídos foram relatórios de observação e entrevista semiestruturada. Os relatórios foram elaborados durante as intervenções do projeto no período de outubro a novembro de 2017. Os relatórios descrevem desde o momento da busca das crianças em casa, durante as intervenções e no retorno delas para sua residência. As observações foram participativas, na qual o “[...] pesquisador teve contato direto com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 2002, p. 59).

A entrevista semiestruturada permitiu a pesquisadora estar mais próxima de seu objeto de estudo. Este instrumento contou com 12 perguntas relacionadas a

família, papéis sociais, trabalho e brincadeiras. Este tipo de entrevista permite tanto ao pesquisador quanto o pesquisado questionarem e dialogarem abertamente sobre o tema, oferecendo assim maiores informações sobre o objeto estudado, pois podem a partir do que for surgindo formularem novas perguntas e hipóteses (TRIVINOS, 2009).

#### 1.4 Procedimentos de construções dos dados

A coleta de dados foi realizada durante as intervenções do projeto, por meio de observações, entrevistas semiestruturadas e roteiro das observações realizadas pela pesquisadora. As observações aconteceram em cinco intervenções, desde o momento que chegávamos à praça do bairro até o momento em que íamos embora. Estas observações aconteciam em meio as brincadeiras e as conversas realizadas durante sua execução. As entrevistas aconteceram em duas intervenções, ao chegarmos ao bairro, às crianças e os adolescentes vinham nos cumprimentar, a pesquisadora explicava sobre a pesquisa e se elas/es gostariam de participar, dessa forma perguntava se havia algum responsável em sua casa que pudesse assinar o termo de responsabilidade. Posteriormente, descíamos até a casa delas/es para conversar com a pessoa responsável e explicar sobre a pesquisa, após isso na volta para a praça, era realizada a entrevista.

#### 1.5 Análise dos dados

Os dados foram analisados tendo como base o método de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011 apud FERREIRA; LOGUECIO, 2014, p. 36), este método se conceitua como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Este método contém três etapas, a primeira é a pré análise dos dados, na qual estes serão organizados, coletados e transcritos e no caso da entrevista categorizados. Na segunda fase os dados são descritos e analisados e a terceira

fase os dados são discutidos a partir da revisão de literatura. Neste estudo as categorias analisadas foram: a) As diferentes configurações familiares das crianças participantes do projeto; b) Compreensão das crianças participantes do projeto

acerca do conceito de família; c) Estranhamento das Crianças em relação aos diversos arranjos familiares; d) Influências dos papéis de gênero assumidos e/ou como as representações de gênero se inserem nas concepções dos papéis desempenhados nas famílias; e) Violência dentro das famílias; f) Configuração familiar e a necessidade de uma educação mais inclusiva.

## 2. EDUCAÇÃO SOCIAL E O PROJETO BRINCADEIRAS COM MENINAS E MENINOS DO VALE DO IVAÍ/PR.

Nesta sessão falaremos sobre a Educação Social, visto que ela, principalmente após o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no Brasil abriu – se novos caminhos para que pessoas recebessem educação diferente da Educação Escolar, uma educação voltada para a sociabilização, capaz de proporcionar um amplo entendimento social, político e cultural. Esse novo caminho de educação, não tem como foco desmerecer a Educação Escolar, pois ela tem uma grande importância na formação das/os cidadãs/ãos. Cada qual possui seus pontos positivos, pois os indivíduos precisam de formação para idealizar um mundo melhor, mas apenas com a Educação Escolar os indivíduos não acessam todo conhecimento que necessitam para sua formação (SOUZA; MÜLLER, 2009).

“A Educação Social é uma práxis política que entende o sujeito como ser que pensa, age, sente e se relaciona com as pessoas em seu contexto social, de forma a promover a formação de sujeitos para a transformação social” (SOUZA; MÜLLER, 2009, p. 3206).

A Educação Social parte de um princípio de atuação no qual vê o ser humano como um ser de direitos e deveres, através de sua política procura reconhecer os indivíduos através de seus atos e incluí-lo na sociedade garantindo seus direitos.

A educação social é um caminho, que junto com outros, pode compor um cenário mais viável para a inclusão de pessoas e categorias consideradas excluídas na atual conformação da sociedade. Por meio da educação, mas não só por ela, se pode contribuir para que haja garantia de direitos e justiça social (SOUZA, MÜLLER, 2009, p. 3205).

A Educação Social é uma prática educativa que luta pelos direitos, portanto para que esses direitos sejam alcançados necessita-se de profissionais com formações compatíveis aos cargos a serem assumidos, entretanto a realidade vivida no Brasil ainda é de um profissional sem formação para a Educação Social.

Educador social serve no Brasil, tanto para identificar o trabalhador de nível médio e técnico como para designar o trabalhador com formação de nível superior em desvio de função. Oficineiros, artesãos, artistas, mestres de capoeira, arte-educadores e monitores em geral são agregados a uma mesma categoria descritiva que inclui sociólogos, cientistas sociais, psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, advogados, historiadores, geógrafos, físicos, matemáticos, químicos contratados por organizações não-governamentais ou pelo

poder público para exercer funções diferentes da sua área de formação [...] (SILVA; NETO; MOURA, 2009, p.12 -13).

O/a Educador/a Social em seu meio de trabalho passa por diversos transtornos acarretados por terem formação em outras áreas que muitas vezes não possuem relação com a Educação Social, além de não ter uma real noção do que realmente é trabalhado em meio à Educação Social. Pela falta de formação direcionada a Educação Social os educadores/as não se sentem habilitados/as para estar atuando conforme os princípios da Educação Social.

Dentro deste contexto falaremos mais adiante sobre o Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos Do Vale do Ivaí/PR, que é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá/PR vinculada ao Programa Multidisciplinar de Estudo, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente – PCA, que trabalha por meio de brincadeiras com crianças e adolescentes com direitos violados, isso acontece quando as crianças e adolescentes são privados de seus direitos seja de brincar, se alimentar, ir à escola e passam há assumir as responsabilidades dos pais/mães como trabalhar para manter a casa, cuidar das/os irmãos/ãs em horário de aula. Então o projeto tem o intuito de orientar essas crianças e adolescentes sobre os seus direitos e deveres e formar educadores/as sociais no meio acadêmico.

## 2.1 O Projeto brincadeiras com meninas e meninos do vale do Ivaí-PR

O *Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR* é um projeto criado pela professora Doutora Paula Marçal Natali em 2014 na Universidade Estadual de Maringá (UEM – Câmpus Regional do Vale do Ivaí). A iniciativa do Projeto Brincadeiras de Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR é derivado do projeto da cidade de Maringá que surgiu no ano de 1997, no qual recebeu o nome de “Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas Ruas”<sup>3</sup>. Após sua instalação

---

<sup>3</sup> Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninas de/e nas Ruas: É um projeto de extensão criado pela professora Doutora Verônica Regina Müller em 1997 na Universidade Estadual de Maringá (UEM – Campus sede). Este projeto conta com a atenção e parceria do Programa Multidisciplinar de Estudo, Pesquisa e Defesa da Criança e do Adolescente – PCA, Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), e também da Associação de Educadores Sociais de Maringá - AESMAR (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

A primeira intervenção do projeto foi realizada na Praça da Catedral de Maringá/PR, algum tempo depois as crianças e adolescentes foram retiradas/os da catedral pela iniciativa de organizações públicas, então o projeto foi novamente em busca das crianças e se instalou no Bairro Santa Felicidade onde permaneceram de 1997 a 2006. Em 2007 migraram para o Bairro Jardim Esperança

no bairro e na cidade de Ivaiporã, houve modificação na sua nomenclatura para “Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Valei do Ivaí/PR”.

---

na cidade de Sarandi/PR. Em 2015 retornaram para a cidade de Maringá/PR no Bairro Odwaldo Bueno Netto onde se encontra atualmente.

Este projeto procura desenvolver ação educativa lúdico-política-pedagógica, para isso desenvolvem-se brincadeiras orientadas. Qualquer curso universitário pode participar do projeto, as vagas são abertas para todos os cursos, porém até o momento quem participa são apenas acadêmicos/as do curso de Educação Física. Com externa + pós graduação.

Para iniciar o projeto na cidade de Ivaiporã foi decidido por meio de reuniões que realizaríamos um mapeamento pelos bairros periféricos da cidade de Ivaiporã/PR, este mapeamento foi realizado no mês 03 do ano de 2014 por/pelas acadêmicos/as participantes do Projeto Brincadeiras que se dividiram em grupos e se espalharam pela cidade em busca de um bairro que estivesse em situação de vulnerabilidade social e que pudesse ser executado, pois para sua realização teria que possuir um espaço o qual abrigasse a aplicação das brincadeiras e não colocasse as crianças e adolescentes em risco. O Bairro Vila Nova Porã foi o escolhido, este é comumente conhecido como Bairro Maneco. Sua escolha se deu por ter um grande contingente de crianças em situações de vulnerabilidade, foram identificadas muitas crianças andando pelas ruas sem nenhum responsável pelas mesmas. Neste Bairro não encontramos meios de lazer, a ATI (Academia da Terceira Idade) que existia em uma praça no centro do Bairro havia sido destruída, e a partir de então este espaço ficou sem equipamentos para realizações de atividades, com isso o projeto se estabeleceu na praça central do bairro por ser o único local com espaço para as atividades do projeto (BRITO, 2016).

A Vila Nova Porã (Bairro Maneco) é um bairro periférico do município de Ivaiporã, a grande parte de sua população possui uma renda financeira limitada/classe baixa como observado nos relatos escritos pelos/pelas acadêmicos/as participantes do Projeto, afirmando deparar-se com crianças em situação de vulnerabilidade na qual em muitas intervenções as crianças estavam em dias frios com chinelos de dedo, roupas simples sem muitos agasalhos, crianças descalças, crianças e adolescentes assumindo papéis designados como pais, tendo a responsabilidade de tomar conta de seus irmãos/ãs. Observamos também diversos casos de crianças e adolescentes não terem o que comerem dentro de suas casas. A presença de tráfico de drogas no bairro é muito grande e as crianças e adolescentes acabam se envolvendo direta e indiretamente, isto nos mostra a situação de vulnerabilidade e direitos violados encontrados.

O Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR<sup>4</sup> acontece em dois momentos. Uma vez por semana é realizadas reuniões para aprimorar a formação dos acadêmicos/as, nesses encontros são produzidos estudos coletivos e sistematizados voltados à Educação Social, Jogos e Brincadeiras, referenciado em artigos da área e autores/as como: Paulo Freire, Violeta Nuñez, Manuel Jacinto Sarmiento, Catarina Tomáz e Verônica Müller, e estudos relacionados às leis como: o Estatuto da Criança e do Adolescente, Convenção dos Direitos das Crianças. As reuniões acontecem na UEM - Câmpus Regional do Vale do Ivaí para debatermos sobre relatórios/relatos realizados pelos/as acadêmicos/as relacionados às intervenções realizadas no bairro na semana anterior, a partir de então discutimos em reunião quais atitudes cabíveis de serem feitas ao nos depararmos com devidas circunstâncias. Também organizamos nestas reuniões as brincadeiras que serão levadas ao bairro na próxima intervenção, algumas destas que foram previamente combinadas com as crianças na semana anterior.

Nas terças-feiras realizamos as intervenções na Vila Nova Porã (Bairro Maneco). As atividades ocorrem em uma praça localizada no centro do bairro, os materiais dispostos são propriedades da UEM-CRV e outros brinquedos que os/as próprios/as acadêmicos/as que participam do projeto construíram. Nessas intervenções são aplicados jogos e brincadeiras que trabalham a cooperação de forma que dentro das brincadeiras orientadas as crianças e os adolescentes ajudem os/as amigos e colegas.

As crianças podem participar das brincadeiras orientadas e de brincadeiras tradicionais, as brincadeiras e atividades são orientadas pelos/as educadores/as, porém as crianças podem opinar em relação às regras e também no que preferem brincar, pois as crianças assim como os adultos também possuem o direito de participar efetivamente das atividades em que estão inseridas. Sempre após as realizações das atividades planejadas é feita uma roda da conversa propondo assim discussões/reflexões relativas aos objetivos do projeto, este ato recebe o nome de “roda da conversa” (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

Os/as acadêmicos/as têm como responsabilidade apresentarem as brincadeiras e atividades de forma que as crianças e adolescentes compreendam os

---

<sup>4</sup> Deste ponto do trabalho iremos nos referir ao “Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR” por Projeto Brincadeiras. As atividades do projeto foram encerradas em dezembro de 2017.

seus direitos e deveres partindo do respeito consigo mesmo e com o próximo, e mesmo havendo diferenças entre as pessoas todas devem ser respeitadas e assim como nas brincadeiras as regras impostas devem ser levadas como aprendizado para que haja igualdade perante todos (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

A intervenção educativa priorizando a dimensão lúdica, alicerçada nas brincadeiras, busca oferecer à criança e ao adolescente com os direitos violados brincadeiras orientadas. Sendo esta prática educacional fundamentada pelos princípios de respeito, compromisso, inclusão, participação e diálogo. Estes princípios devem ser sempre frisados nas intervenções com as crianças e adolescentes e pelos/as educadores/as, para que não esqueçam da parte deles do compromisso com a formação.

O primeiro dos princípios que deve ser seguido é o “respeito”, é muito importante que este princípio seja lembrado em todas as intervenções, para que as crianças e adolescentes respeitem os/as seus/as colegas, não permitindo também que alguém o desrespeite utilizando de ofensas e palavras obscenas para se dirigirem ao próximo, por se expressarem através de palavras desrespeitosas muitas vezes aprendidas com os próprios adultos. O ato de respeitar parte de:

Respeitar é atuar considerando os direitos e deveres formais individuais e coletivos nos quais estamos todos incluídos, em defesa de outro tipo de sociedade, que esteja ancorada na democracia, na igualdade de oportunidades, de acesso à produção e uso de bens e na justiça social (MÜLLER, RODRIGUES, 2002, p. 41).

O compromisso é uma prerrogativa fundamental dos princípios abordados no projeto pelos/pelas acadêmicos/as, significa que todos os/as acadêmicos/educadores/as cumpram os acordos e requisitos impostos a eles assim como: comparecer a todas as intervenções e não falharem com as crianças com mais proximidade, prometer apenas o que poderá cumprir, pois é através do cumprimento de promessas que torna possível a relação de confiança com as crianças e adolescentes, a partir do exemplo que elas entendem que também devem cumprir os compromissos combinados com os acadêmicos/educadores/as, família, amigos/as e assim seguindo as regras e os combinados realizados entre eles (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

Outro princípio seguido é a inclusão que não diz respeito apenas as pessoas com deficiência, mas a inclusão social, compreendida como direito, é sabido que no dia a dia da criança e adolescente seus direitos são violados. Trabalhamos com a ação educativa de forma que todas as crianças e adolescentes participem das atividades pensadas e planejadas, independente de sua classe social, do sexo, etnia, raça, religião, se está limpa ou suja, se é alto ou baixo, novo ou velho, as atividades são abertas para que todos que quiserem participar tendo a permissão de sair e entrar quando quiser e se for necessário poder opinar em relação às mudanças das regras durante o jogo ou brincadeira (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

A decisão da participação das crianças e adolescentes nas atividades é algo que vale ser ressaltado, pois através desta estratégia trabalha-se a liberdade de escolha, participar ou não das atividades isso faz com que elas exponham suas vontades e realizem seu direito de liberdade, pois as crianças são capazes de expor suas opiniões e suas vontades (SOARES, SARMENTO; TOMÁS, 2005).

O último princípio utilizado é o diálogo, que não se enquadra apenas nas falas mais também nas expressões corporais que é uma forma de comunicação. Na infância é o momento primordial onde são evidenciadas as mais diversas formas de expressões realizadas pelas crianças para conseguirem se comunicar com as pessoas em sua volta, através das expressões que as crianças apresentam suas opiniões, seus desejos e vontades, seus medos e anseios. É através da expressão corporal que as crianças comunicam-se umas com as outras, e até mesmo com os/as acadêmicos/educadores/as sobre o que está sendo realizado por eles/elas nas ações educativas.

O diálogo deve ser trabalhado frequentemente, pois todo/a acadêmico/educador/a tem a responsabilidade de promover relações sociais entres as crianças e os adolescentes, através dos diálogos criam-se vínculos com as crianças e os adolescentes fazendo com que seja estabelecida a confiança e também carinho dos mesmos com os acadêmicos/educadores/as, assim devemos ressaltar a “roda da conversa”, instante que debatemos os acontecimentos que ocorreram durante a intervenção, momento também utilizado para quando temos recados importantes para o próximo dia de intervenção (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

O projeto brincadeiras tem como objetivo apresentar às crianças e adolescentes, por meio das brincadeiras, seus direitos e deveres, propostos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990). Os/as educadores/as trabalham a imaginação das crianças, o desenvolvimento psicomotor, suas intelectualidades, utilizamos estratégias para trabalharmos a formação política da criança e do adolescente (MÜLLER; RODRIGUES, 2002).

O brincar é importante para a comunicação da criança com seu meio social, por meio de suas expressões nas brincadeiras a criança desenvolve seu auto conceito e sua relação com os outros e com o mundo. Segundo Dallabona e Mendes (2004) os jogos e as brincadeiras são incentivos ao desenvolvimento das crianças e alguns jogos podem proporcionar o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, tendo à criança a capacidade de imaginar e reproduzir o ambiente em que se vive.

A brincadeira é entendida como patrimônio da cultura infantil e a brincadeira, é uma das principais formas de expressão da criança. Por isso, para a criança e o adolescente o brincar é uma necessidade e é ainda um direito garantido a Constituição Brasileira, no art.227, e no ECA, além de citado no art. 4º, vem dispendo do capítulo II, do Direito á Liberdade, ao Respeito e á Dignidade (MAGER *et al.*, 2011, p. 68).

Ressaltam Dallabona e Mendes (2004) que a brincadeira torna-se algo significativo para o/a educador/a porque tem o papel de fazê-la se redescobrir e reconstruir o lúdico, trazendo atividades que possam ajudar na aprendizagem das crianças, sendo prazerosas e divertidas. A criança com as brincadeiras tende a superar suas dificuldades de forma criativa e com isso proporcionam o bem estar emocional, exercitam a imaginação, tornando-se um/a cidadão/ã capaz de cooperar e de resolver diferentes situações.

Por meio das brincadeiras criamos vínculos, e somos impulsionados a tratarmos sobre os direitos e deveres que as crianças e os adolescentes possuem, Brito (2016, p.21) diz que:

o brincar se tornam uma necessidade para a criança e o adolescente é ainda um direito garantido na Constituição Brasileira, em seu art. 227 “é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Compreendendo a importância do brincar, vemos que a partir das vivências das crianças e adolescentes com as brincadeiras, há um aprimoramento em seu desenvolvimento por meio do reconhecimento de direitos e deveres de cada um/a. Por ser o brincar como dito anteriormente a forma como as crianças se expressam e atribuem significado de seus entendimentos do mundo percebeu no projeto brincadeiras representações de estereótipos e normativas construídos socialmente, dentre as quais as relacionadas a gênero, pois as crianças e adolescentes acreditam que as brincadeiras de meninas e meninos são diferentes.

### **3 A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA PELAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES PARTICIPANTES DO PROJETO BRINCADEIRAS**

Nesta seção abordaremos as concepções de famílias existentes na sociedade contemporânea segundo a literatura e a compreensão do conceito de família pelas crianças e adolescentes participantes do Projeto Brincadeiras, bem como as questões de gênero e os papéis assumidos por homens e mulheres em meio à sociedade.

Segundo Goldani (1993, p 78) “O IBGE (1980) define família como um conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou dependência doméstica, que vivem no mesmo domicílio, ou pessoa que vive só em domicílio particular”. Em outras palavras, para o IBGE família são todas as pessoas que se consideram próximas e que por algum motivo dividem algum espaço, portanto não é necessário ser do mesmo sangue ou ser do mesmo sexo, ter filhos ou não.

Segundo Minuchin (1985, 1988 apud FACO; MELCHIORI, 2009, p. 122):

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas desenvolvidas ligadas diretamente às transformações da sociedade, em busca da melhor adaptação possível para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo.

Nos dias de hoje, não podemos dizer quem faz parte dos membros de uma família, pois os laços sanguíneos que no passado eram muito significantes, que davam definições aos pertencentes familiares hoje passam a não ter valor único, pois outras características são valorizadas assim como a afinidade, uniões estáveis ou não, parentesco entre outras (DAÍ PRÁ, 2013).

Dentro deste contexto, podemos dizer que o conceito de família nos dias atuais não pode ser definida apenas por fatores biológicos e legítimos, transformando os aspectos de subjetividade um importante papel na definição da configuração familiar, pois estes aspectos integram os significados da convivência (DAÍ PRÁ, 2013). Desse modo as relações consanguíneas tem menos importância que as ligações afetivas e convivências familiares, sendo a afinidade o elemento que define essa união (SILVA, BONVICINI, 2016).

Dados do IBGE nos mostram que do ano 2000 para o ano de 2010, houve novas configurações familiares, contabilizando mais 19 arranjos em 2010 contra 11

em 2000 trazendo em números essas transformações de novos arranjos familiares chegam em 28,647 milhões, ou seja, 28.737 a mais que a família nuclear. Este estudo realizado pelo IBGE aponta que no Brasil as famílias estão se transformando cada vez mais, pois estão em busca da felicidade (BACELLAR, 2014).

Através destes dados podemos ver que há um aumento cada vez maior nas reconfigurações familiares e que as mesmas se transformam a cada momento, nos deparamos com famílias homoafetivas, que representam 60 mil em uniões oficializadas legalmente, famílias em que a mulher é responsável por seu lar, essa mudança chega arranjos familiares chegam em 28,647 milhões, ou seja, 28.737, também nos deparamos com famílias que apenas um componente é responsável, como o pai ou a mãe, essas passam além das 10,197 milhões. São consideradas famílias também pessoas que convivem juntas para a divisão das despesas como aluguel ou afinidades, são os chamados "conviventes" no total de representações são 400 mil lares (BACELLAR, 2014).

Entretanto, há alguns anos família era considerada apenas união entre pessoas heterossexuais constituídas "por pai, mãe e seus filhos biológicos" (FACO; MELCHIORI, 2009, p.124), sendo assim o modelo nuclear de família era aquele que seguia as normas e os paradigmas impostos pela sociedade, seguindo o regimento religioso e culturalista, este casamento devia ser por tempo duradouro, uma união estável. A definição de pertencentes às famílias era dada por meio as ligações sanguíneas, pois como já dito família eram apenas parentes biológicos, mesmo pessoas com afinidades ou que moravam juntas por algum outro motivo não eram consideradas como família.

Esta família nuclear também pode ser chamada como família patriarcal, é regida por princípios devendo ser respeitados por todos. O dever da mulher neste modelo é obedecer ao poder do marido, e os filhos obedecerem ao poder do pai. O papel assumido pela mulher é de casar-se, passar pelo período de gestação, suprir as necessidades dos seus filhos afetivamente, e também as necessidades do marido sendo elas afetivas, e fisiológicas e comandar as atividades domésticas. Enquanto o homem assume o papel do mantedor economicamente do lar, tendo o principal respeito e autoridade sobre os filhos (PIZZI, 2012).

Contudo algumas mudanças aconteceram em meio à sociedade obrigando a mesma a redigir-se de novas regras, pois com "o trabalho assalariado individual e a expansão da escolaridade, relacionado às transformações

econômicas” (PIZZI, 2012, p.123), a aprovação de leis, assim como a Lei do Divórcio, de 1977, onde a guarda dos filhos era dada a quem não tivesse provocado a separação ou, não havendo acordo, à mãe, hoje, é concedida a “quem revelar melhores condições para exercê-la” (CAHALIL, 2003, p.480 apud FACO; MELCHIORI, 2009, p.122), a Resolução 175 que regulamenta o casamento homoafetivo e a equiparação entre homens e mulheres, abriram se espaços para novos caminhos a serem traçados, dando espaço para o surgimento de novos arranjos familiares.

Os laços de consanguinidade e parentesco eram parâmetros que definiam com precisão a configuração familiar da maioria das pessoas. Com o passar do tempo, determinados fenômenos sociopolíticos e o avanço da tecnologia, entre outros, trouxeram maiores níveis de complexidade na definição da configuração do grupo familiar (DAÍ PRÁ, 2013, p. 8).

Portanto temos hoje vários arranjos familiares como: casais casados ou não; com partilha ou separação de bens; que moram juntos ou separados; com dependência ou independência financeira; com ou sem crianças; filhos biológicos ou adotivos; genitores morando juntos ou separados; relação heterossexual ou homossexual; cultura igual ou diferente, que formam 196 tipos diferentes de família (FACO; MELCHIORI, 2009, p.124). Uma dessas constituições familiares, “a família intitlada monoparental é composta por um dos pais e os filhos” (PIZZI, 2012, p. 5), permitindo também que pessoas homoafetivas, ou seja, pessoas do mesmo sexo que possuem uma relação recebesse o reconhecimento como constituição familiar.

Porém mesmo com as aprovações efetivas das leis e com os surgimentos desses novos arranjos ainda há dificuldades, uma delas é a não aceitação da sociedade em relação a esses arranjos, acarretando preconceito em relação as famílias homoafetivas, famílias pobres, famílias constituídas apenas por mães e filhos, entre outros.

Partindo dessa repressão que a sociedade identifica aos novos arranjos Goldani nos trás o “termo da crise”, [...] “declínio da família” (GOLDANI, 1983, p. 88), essa crise trata-se de um desfalque que a sociedade acredita estar sendo causado nos meios familiares, pelo fato das famílias nucleares não estarem sendo consideradas tão significativas como eram nos tempos passados havendo assim novos arranjos. Essa crise tem a responsabilidade por afetar a estrutura familiar

convencional, transformando os modos de vida e os valores, pois através dos novos arranjos, como por exemplo, famílias homoafetivas que são constituídas por duas

pessoas do mesmo sexo não haverá procriação, com isso leva a sociedade a acreditar que a população e as famílias entrarão em extinção.

Assim, o ambiente educacional também padece, sendo que “educadores/as também passam por dificuldade ao se depararem com famílias de educandos que fogem totalmente das suas idealizações e elaborações de família, sendo nesses casos muito comum um desvalor a elas atribuído e manifestações preconceituosas” (MARCOS, 2012, p. 3). Dentro deste contexto podemos perceber a falta de interesse, e muitas vezes descaso advindo de professores/as com as famílias e até mesmo com alunos/as. Por priorizar seus conceitos professores/as deixam de trabalhar com seus alunos/as o respeito ao próximo/a.

No entanto, para não assumirem de fato as responsabilidades desses preconceitos Marcos (2012, p. 8) nos diz que:

A escola joga a culpa nas famílias por não atingir os objetivos educacionais almejados por ela, que seria o desenvolvimento global dos alunos, deixando claro que a diminuição do número de famílias estruturadas, ou seja, da família nuclear, tem tornado essa instituição incapaz de formar eticamente e moralmente as crianças, evidenciando que os autores [...] possuem a concepção de família enraizada no modelo nuclear, considerando as estruturas divergentes falhas, problemáticas para a sociedade, o que sem dúvida prejudica o relacionamento da escola com as famílias dos alunos, cuja estrutura difere do modelo ideal “nuclear”.

Portanto com essa opinião formada pelos/as educadores/as, os mesmos não conseguem perceber que não é a diferenciação familiar que difere na aprendizagem do/a aluno/a, pois o preconceito acaba por tomar parte sendo como problema fundamental nesta relação, pois a escola acaba fazendo com que não haja “a socialização (pelos conteúdos disciplinares, pela explicitação de saberes e pela elaboração de novas hierarquias) e rompe, por um lado, com a socialização na família” (OSÓRIO, 2007, p.1) conseqüentemente acreditando que para ser um/a aluno/a bom deve-se ter a família “ideal”, ou seja, se a família não for estruturada seguindo normas culturais as crianças irão sofrer e apresentarão problemas em sua aprendizagem na escola (MARCOS, 2012).

A escola deve ser um local de estimulação no qual trabalhe no/a educando/a o aprimoramento de seus conhecimentos, dando base e fundamentação para a vida dos educandos, pois ela é constituída por “totalidade, de salas de aulas, de professores, de alunos, de programas, de métodos e de saber, é o lugar onde se reproduz e se legitima a ordem social” (OSÓRIO, 2007, p.1), ela deve seguir a

reconfiguração para mediar formações gerais aos/as educandos/as, trabalhando no enfoque de formar um indivíduo que reconheça seus direitos e também deveres, que reconheça seus limites e valores, sendo uma estrutura e ambiente que transmita segurança estabelecendo em meio aos/as educandos/as o entendimento de igualdade entre os mesmos e respeito das diferenças (OSÓRIO, 2007).

Neste contexto tanto no meio educacional como na sociedade em geral não podemos negar a importância de se discutir sobre a família. Precisamos desconstruir nossos conceitos de que família é a família nuclear, precisamos entender os novos arranjos familiares, olhar de forma diferente com desprendimentos dos preconceitos, pois assim como a sociedade tem transformações à família também passa por mudanças e essas transições são advindas de capacidades de adequação, pois as famílias não necessitam ser composta de pai, mãe e filhos/as para ser considerado arranjo familiar, um pai pode adaptar-se e realizar o papel de pai e mãe dando apoio e subsídios aos/as seus/suas filhos/as, assim como a mãe e também avós podem assumir as responsabilidades de cuidar de filhos/as e netos/as sem necessitar do papel masculino, podemos ver também que nos dias atuais casais homoafetivos podem adotar e criar seus/suas filhos/as (DAÍ PRÁ, 2013; OLIVEIRA, 2009).

Com a família se adaptando e se modificando juntamente com a sociedade podemos deixar de lado essa crise, que não pode ser considerada como uma crise na realidade, pois as famílias não irão entrar em extinção visto que possuem a capacidade de sobrevivência, pois na época passada os maridos iam para seus trabalhos, ou seja, era o único provedor da renda familiar, já nos dias atuais podemos visualizar a autonomia em meio aos componentes familiares, pois as mulheres também passaram a assumir a economia familiar, assim seus/suas filhos/as partindo da maior idade podem se transformar em um novo arranjo familiar ao se desvincular de seus pais/mães e habitando em um outro lugar.

Segundo Louro (1997) no decorrer da história nos deparamos com muitos descasos que as mulheres passaram e momentos angustiantes por serem oprimidas e consideradas pela sociedade como inferiores em relação ao sexo masculino. Entre o século XIX e XX um grupo de mulheres Ocidentais organizou um movimento social no qual passaram a reivindicar por seus direitos, dentre estes “Uma parte da luta feminista se dá no sentido de conter a violência masculina sobre as mulheres” (SEFFNER, 2008, p. 17) e também reivindicar por “pleno acesso das mulheres à

escola” (SEFFNER, 2008, p. 17), através de muitas lutas passaram a se destacar reivindicações a respeito do direito ao voto (restrito aos homens), recebendo o nome de sufrágio, ou seja, movimento composto por mulheres que lutavam por seus direitos de votar, de reconhecimento etc. Essas reivindicações ficaram conhecidas como a “segunda onda do feminismo, se expandiu para além do seu sentido reivindicatório, não só exigindo a igualdade de direitos, em termos políticos e sociais, mas constituindo-se também em crítica teórica” (SOUZA, 1995, p. 2).

Mostra que o Feminismo introduziu aspectos inteiramente novos na sua luta de contestação política, na medida em que abordou temas como família, sexualidade, trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, etc. Além disso enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos genericados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)...aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres, expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero (STUART HALL, 1997, p. 49-50 apud SOUZA, 1995, p. 2-3).

O conceito de gênero emergiu para contestar e rejeitar a ideia do determinismo biológico, ao afirmar que as identidades são construídas por processos culturais que se materializam nos corpos, e não uma decorrência absoluta da materialidade corporal (sexo -> gênero -> sexualidade), não permitindo clausurar qualquer opinião que quisesse explicar os comportamentos de homens e mulheres através de uma visão naturalizada e universal entre as diferenças de comportamentos das pessoas. O que realmente tem relevância nas relações de gênero é debater os processos de construção e/ou formação histórica linguística e social, a questão de gênero é que ele é constituinte de paradigmas, normas e padrões que a sociedade impõe, mas que não são garantias de reprodução, visto que muitos fogem à norma, não se enquadrando ao padrão imposto pela sociedade.

Butler (2003) critica Beauvoir que diz: “A gente não nasce mulher, torna-se mulher”, e ainda pontua que “não há nada em sua explicação [de Beauvoir] que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BUTLER, 2003, p. 180). O que Butler (2003) pretende apontar é que não podemos nos limitarmos a dizer que o gênero se constrói sobre corpos sexuados (macho e fêmea) em sua binaridade, pois ambos são construídos culturalmente, já na maternidade ao descobrir a gravidez as primeiras perguntas que surgem são: qual o sexo do bebê?

Teremos que comprar roupas e brinquedos de cor X, e a partir da descoberta do real sexo já começam os preparativos, compras de objetos e roupas determinados para cada sexo seguido da cultura para a diferenciação entre menino e menina.

Parece que há uma “preparação” da criança, dentro de uma lógica que supõe um desenvolvimento biológico infantil (que é visto com esperado universo) para assumir, na juventude, as atitudes sexuais esperadas que levem ao casamento, à maternidade e à constituição familiar (FURLANI, 2005, p. 29).

Pois a menina deve ter seus gostos refinados condizentes com coisas e formas mais meigas e delicadas assim como: gostar de rosa, brincar de casinha ou então de boneca, suas roupas favoritas deveriam ser vestidos ou saias, ter um comportamento tranquilo e sutil entre outras diversas posturas, esses comportamentos que são ensinados, são também estabelecidos como regras para a preparação à vida adulta, pois a mulher tem que seguir as normas de crescer, namorar, casar, ter filhos e ser dona do lar suprindo as necessidades das suas proles e do marido. Mas e se for um menino? Este deve gostar de azul, subir em árvores, brincar de carrinho, de fazenda, pular muros, usar calças e camisetas, jogar bola, ser corajoso e forte, pois o homem para a sociedade é visto como alguém que tem que crescer e ser responsável, casar-se e manter o lar, ser alguém que administra muito bem sua vida (SOUZA, 1995).

Guareschi et. al (1994, p. 4) confirmam que meninos e meninas “[...] demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos”. Louro (1997) vem nos dizer que além de questões culturais que perpassam a identidade de gênero, existem também diferenças entre identidades de gênero e sexualidade.

Weeks (1993, p. 6 *apud* LOURO, 1997, p. 26) afirma que “[...] a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”, pois não há possibilidade em diagnosticar a sexualidade do indivíduo através da observação apenas, pois o mesmo pode viver sua vida sem deixar transparecer, ou seja, o indivíduo pode viver sua vida sexual de várias maneiras: ele pode satisfazer seus desejos corporais, ou com seu parceiro/as do mesmo sexo ou não, ou até mesmo sem parceiros/as.

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o. Sendo o sujeito brasileiro, negro, homem, etc (SOUZA, 1997, p. 25).

Os indivíduos podem se reconhecer como masculinos ou femininos sendo assim podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais. O que vale ressaltar é que a identidade de gênero não é dada para cada indivíduo como algo pronto e determinado, pois ela esta em transformação a todo o momento em sua vida, relacionando-se a outros marcadores indenitários, construída pela e nas relações com a cultura e pela sociedade em que o indivíduo vive, portanto deve-se respeitar a individualidade de cada pessoa (LOURO, 1997).

Por meio destes argumentos podemos analisar o meio cultural por influências, assim como os âmbitos educacionais como âmbito escolar, exercendo grande influência na constituição das identidades. Meyer (2008) nos faz refletir, pois é neste meio onde percebemos um maior contato com a desigualdade entre os gêneros seguindo o currículo, pois ele é planejado e também passa a ser a base das experiências dos desenvolvimentos e também das relações afetivas vivenciadas pelos educandos/as.

Contudo no decorrer do processo de educação escolar “[...] a escola proporciona um espaço narrativo privilegiado para alguns enquanto produz ou reforça a desigualdade e a subordinação de outros” (MEYER, 2008, p. 24). Nesta fala nos deparamos com diversos conflitos, pois é possível analisar a desigualdade em relação a diversas áreas da vida do educando a partir da separação de sexos nas atividades realizadas em salas de aulas, nas quais evidenciamos a exclusão por questões raciais, sociais e nas diferenças envolvidas em atividades práticas.

Um exemplo é orientação do professor/a para os meninos jogarem futebol e as meninas vôlei, porém alguns educandos não concordam com esta separação querendo intervir e se envolverem nas atividades, meninas querem jogar futebol e meninos vôlei, todavia até mesmo os/as professores/as passam a olhar diferenciado para estes alunos vendo os mesmos como afeminados e/ou masculinizadas por analisarem apenas suas vontades e não avaliando como uma prática comum/estereotipada.

Contudo o brincar também passa por essas limitações por meio dos preconceitos advindos dessas separações por acreditar tanto nas questões culturais deixando o fundamental e essencial de lado preconizando as ideias primárias de que deve haver separações. Nesse contexto, Finco (2003, p. 97) nos diz que: “As crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos”.

A brincadeira trabalha no desenvolvimento da criança dando a mesma autonomia e o direito de decisões. Ao se desenvolver e tornar-se um adulto, caso decida ser pai, este indivíduo terá uma responsabilidade em mãos terá que cuidar de seu filho/a, então qual é o motivo desta criança não poder brincar com uma boneca? Esta criança ao ter sua liberdade terá que se alimentar talvez preparar sua própria alimentação, então porque não brincar de cozinhar na casinha? Portanto as brincadeiras devem ser decididas por quem irá divertir-se com ela: “A variedade dos brinquedos e as diversas opções de brincadeiras favorecem para que todos os espaços sejam ocupados por meninas e meninos indiscriminadamente” (FINCO, 2003, p. 94). Mas devido aos padrões sociais as crianças separam brincadeiras de meninos e meninas e brinquedos de meninos e de meninas.

Furlani (2005) nos diz que todo saber, de algum modo, produz efeitos sobre os sujeitos e deve ser considerado quando se pretende mudar comportamentos através da Educação e construir uma sociedade da paz, dos direitos iguais, do respeito às diferenças. Contudo segundo Furlan (2015, p. 720) não podemos desistir: “[...] precisamos enfatizar a necessidade constante de problematização das relações de gênero e sexualidade, pois os resultados nos mostram como ainda estão presentes estereótipos e discriminações que deturpam significados e produzem exclusões”.

O que as autoras trazem é que tudo o que aprendemos nos fazem refletir e nos influencia a levar para vida como aprendizado, com isso elas nos trazem uma proposta de educação mais inclusiva, com espaços abertos para que possam ser realizadas nas escolas as discussões sobre gênero, sexualidade e novos arranjos familiares, visto que através das mudanças na sociedade acompanhamos no cotidiano o surgimento de vários tipos de famílias, com diferentes configurações que se constituíram ao longo dos anos e que lutam por sua legitimidade.

### 3.1 A compreensão de família pelas crianças do projeto Brincadeiras

Por meio das observações e também das entrevistas evidenciamos a compreensão das crianças participantes do Projeto Brincadeiras do Vale do Ivaí/ PR. sobre família, segundo as falas das crianças e adolescentes a família é tudo na vida de um indivíduo, pois para elas a família é vista como base e estrutura da sociedade. A importância atribuída pelas crianças e adolescentes vai de encontro ao entendimento de Silva e Bonvicini (2016, p. 140) que “Família é o alicerce da sociedade na qual se contemplam esferas diversas à vida”.

Através de entrevistas realizadas com as crianças e adolescentes percebemos a importância da família para eles como podemos ver na fala de *M.*: “[...] *É tudo na minha vida [...] se um morre eu também quero morre*”. Da mesma forma podemos evidenciar que eles/as não definem família apenas as que possuem laços sanguíneos ou moram nas mesmas casas, mas todos os parentes, como podemos perceber na fala de *D.*: “[...] *Eu considero a família inteira*”, pois família vai muito além do que pai, mãe e irmãos. Segundo Dai Prá (2013) família vai muito além de um conjunto de pessoas que residem em um mesmo ambiente, família são todas as pessoas que pertencem a um grupo seja por laços sanguíneos ou não essas pessoas se configuram como parentes de próximas e longas distâncias.

Neste contexto podemos ainda dizer que família não é simplesmente um conjunto de pessoas, mais sim pessoas representativas, ou seja, família são os meios onde nos sentimos confortáveis, como podemos analisar na fala de *S.*: “[...] *É que eles me dão muito amor e carinho*”, família são pessoas ligadas pelo afeto, pessoas que fazem bem a si mesmas e bem a/ao próxima/o, família é apoiar, é ensinar, educar, “[...] *Se todo mundo não brigasse se todo mundo ficasse...todo mundo te amizade como família almoça junto janta*” (*M.*). Nesta fala podemos evidenciar a necessidade e a importância que as crianças e adolescentes sentem de terem as famílias por perto, para realizarem suas refeições para o convívio, como *D.*: “[...] *família todo mundo junto em casa*”.

Observamos que o termo família na visão das crianças e adolescentes são todas as pessoas, pois as famílias se reconfiguram de diversas maneiras mais não deixam de se constituírem como família. Essa ideia vai de encontro ao pensamento de Silva e Bonvicini (2016, p.142) “[...] família é querer o bem, é fazer o bem, é estar

ali sempre que precisar, é ensinar, é brigar, é orientar, é tentar fazer sonhos se realizarem juntos”.

Em relação às análises que as crianças e adolescentes fazem sobre suas próprias famílias, nos passa um sentimento positivo, pois elas nos relatam que suas famílias são de grande significância como podemos ver na fala de S.: “Eu acho ela muito ... muito importante”. Por meio desta fala podemos dizer a família tem um imenso significado de amor e carinho por laços de afetos, pois família como já dito são grupos de pessoas que estão presentes em todas as fases da vida. Porém mesmo com tantos relatos sobre a importância de suas famílias nos deparamos com diversos estranhamentos voltados às muitas configurações familiares. Como falaremos mais a frente.

### 3.2 As diferentes configurações familiares das crianças participantes do projeto

Ao analisar as famílias das crianças e adolescentes participantes do Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas do Vale do Ivaí/PR encontramos diversos arranjos familiares, dentre esses arranjos evidenciamos famílias homoafetivas, nucleares e reconfiguradas.

Dentre essas famílias não se pode dizer que ela foi composta de certa maneira e será para sempre, pois as famílias se reconfiguraram, uma das famílias encontradas era constituída por pai e mãe, e no decorrer do tempo se modificaram afetivamente “[...] *eu moro com minha mãe, minha madrasta, meu irmão e os dois filhos da minha madrasta*” (R.). Dessa maneira podemos fazer ligação com os acontecimentos no meio social, assim como a sociedade se modifica as famílias se adaptam e se transformam, neste contexto também podemos evidenciar que diversos arranjos familiares surgem a partir de novas reconfigurações (DAÍ PRÁ, 2013; OLIVEIRA, 2009).

Louro (1997) nos diz que todos os indivíduos se identificam conforme a sua identidade de gênero, já que não há uma identidade dada para cada indivíduo. Dessa forma, as famílias não podem ser determinadas como padrões impostos, pois hoje podemos nos deparar com uma família composta por pessoas de sexos opostos e daqui alguns anos podemos nos deparar com esses indivíduos separados e reconfigurados com outras pessoas constituindo um novo arranjo familiar. Por

meio dessa discussão podemos evidenciar os novos arranjos que surgem na sociedade.

Descreve-se a família de hoje como um “núcleo afetivo, socioeconômico, cultural e funcional, em num espírito de equipe no qual convivem filhos, meios-filhos, filhos postiços, pais-tradicionais-revolucionários-separados-recasados, o novo companheiro da mãe e/ou a nova companheira do pai”. Assim, a família deve funcionar como uma equipe em que cada integrante tem seus direitos e obrigações, combinadas e estabelecidas em acordo com seus outros integrantes, não importando o que o outro é (SILVA; BONVICINI, 2016, p. 142).

Outro arranjo que nós evidenciamos são famílias compostas por padrasto, avó, e netos/as, nesta configuração familiar nos deparamos com uma criança que vivia apenas com sua mãe, ao sua mãe estabelecer um novo relacionamento constituiu uma nova configuração familiar, algum tempo depois esta mesma família passou por nova reconfiguração, pois por motivos pessoais sua mãe mudou-se para trabalhar em uma cidade maior e assim a deixou com seu padrasto e seus irmãos de consideração que são filhos de seu padrasto e também sua avó.

Neste contexto nos deparamos com vários arranjos familiares, pois sua mãe ao de desvincular se configurou como uma família, deixando ela e os ademais também compostos como um novo arranjo familiar. Isto nos mostra que os arranjos ao se transformarem formam diversos tipos de famílias, cada um/a de um estilo, de um modo de viver, porém não deixam de serem classificadas como famílias, ou seja, como já dito família são todas as pessoas que se consideram como família, seja ele/ela como individuo que habita sozinho/a, tendo laços sanguíneos e afetivos.

Outro arranjo familiar que encontramos é o arranjo como dito nas literaturas “arranjo nuclear”, que são famílias compostas por pai, mãe e filhos/as. Segundo Marcos (2012, p. 10) “[...] a família nuclear, é vista como a ideal para garantir um desenvolvimento saudável aos seus membros mais jovens [...]”. Dentre as configurações familiares encontradas que seguem este modelo encontramos padrões impostos onde o papel do homem é de ser o responsável por toda a família mantendo economicamente, enquanto a mulher assume o papel de cuidar dos filhos e dos afazeres do lar.

Dentro da família nuclear encontramos muitas desigualdades visto que, neste arranjo familiar o homem por ser considerado o chefe da família assume uma posição superior à mulher, sendo um dos fatores que geram a violência doméstica.

Além disso, a família nuclear não pode ser considerada a ideal, pois não há apenas este arranjo familiar, afirmar a idealidade deste arranjo permite que haja uma discriminação com as outras diversas configurações familiares.

Podemos perceber que os papéis trazidos pela familiar nuclear estão presentes até mesmo em famílias com configurações diversas, vimos isso em uma das famílias analisadas, a qual é composta por pessoas do mesmo sexo onde uma é responsável pelos serviços domésticos e pelo cuidado dos filhos e a outra trabalha fora e reponde pelo sustento da casa. Segundo Oliveira (2009) isso nos mostra com os papéis sociais exercem ainda grande influência na organização.

O próximo arranjo familiar que encontramos é composto por uma mãe e seus filhos/as assim como evidenciamos pela fala de T. *“com a minha mãe e meus irmão [...] no total de tudo é cinco”*. Nesta configuração familiar nos deparamos com uma família que a mãe mora com seus filhos, e é a única responsável por eles, visto que o pai não reside mais com eles, pois o mesmo violentou uma das filhas. Deste modo podemos analisar o papel da mulher/mãe, segundo Faco e Melchiori, (2009) há muitas famílias na atualidade que a mãe é a representante, estabelecendo ela o papel da mãe e do pai, tendo importância fundamental no desenvolvimento dos filhos.

Segundo Oliveira (2009) a mulher ainda sofre muitas situações de desigualdades, como baixa remuneração comparada a dos homens, o que a leva a ter que cumprir dupla jornada de trabalho e até tripla considerando os afazeres domésticos e o cuidado com os/as filhos/as, além disso, quando a mulher é a única provedora da família ela enfrenta descrenças sobre sua capacidade de proteger e cuidar dos demais membros. Contudo, essa realidade vem se modificando e a mulher cada vez mais tem reconhecido seu papel como chefe de família, pois como encontrado no estudo, existem inúmeras famílias onde ela tem papel central na economia doméstica.

Dessa maneira podemos analisar que existem diversos arranjos familiares, e apesar de em um bairro onde a maioria das pessoas convivem diariamente e existem essas várias configurações familiares, neste mesmo local podemos ver uma presença significativa de estranhamentos e preconceitos em relação as diferentes formas de configurações familiares. Podemos evidenciar os conceitos enraizados que são impostos pela sociedade de que família é a composta

por mãe pai e filhos/as e mesmos as famílias que não são constituídas por esse modelo nuclear traz consigo a opinião dessa ser o ideal.

### 3.3 Estranhamento das crianças em relação aos diversos arranjos familiares

Ao questionarmos as crianças e adolescentes sobre famílias homoafetivas evidenciar um estranhamento, como podemos ver na fala de T. ao perguntarmos o que ela acha de famílias homoafetivas: “Eu acho estranho [...] a sei lá porque eu acho que não combina”. Também evidenciamos em meio às observações o espanto de uma criança ao se deparar com uma imagem de duas mulheres próximas, sua fala se deu de maneira: “o que é isso professora? [...] essas mulheres estão quase se beijando”, após um educador questiona-la sobre o que a mesma achava ela disse que achava aquilo errado.

Estas falas nos fazem refletir sobre os preconceitos enraizados que a sociedade prega sobre a família correta ser a família nuclear. Segundo Marco (2012) e Oliveira (2009) são diversos preconceitos que encontramos em meio a sociedade por não aceitarem as diversas transformações que estão se configurando nas composições familiares, estes preconceitos se dão por não aceitarem famílias que são constituídas por mãe e filhos/as, avós e netos/as, casais homoafetivos, pais e filhos/as entre outros diversos arranjos familiares. As famílias que não são compostas pelos papéis de pai, mãe e filhos/as sofrem preconceitos visto que este arranjo é considerado como ideal pela sociedade, desse modo as famílias com configurações diferentes da tradicional passam a ser consideradas como crise, esta crise é conhecida pelo medo da extinção da família.

Esta ideia construída socialmente é tão forte que mesmo as crianças e adolescentes tendo outro contexto familiar elas ainda continuam afirmando que a constituição familiar deve ser composta por pai, mãe e filhos/as, pois acreditam que a família tradicional é a que dá amor, carinho e afeto trazendo segurança aos componente da família. Um exemplo muito marcante é dos relatos de T. que nos traz que seu pai abusou sexualmente da sua irmã, e mesmo ela tendo vivenciado esse ato de violação, ela ainda considera que família é estar com pai, mãe e filhos/as: “*Ah porque eu acho que é melhor fica com a mãe e co pai [...] é mais seguro*” (T.), nesta fala podemos analisar o quanto a cultura e os padrões que a sociedade delimita para

ser seguidos estão enraizados não possibilitando a aceitação de sua família como todos as outras.

Neste contexto podemos analisar como o conceito de família imposta pela sociedade como correta é marcada na vida dos indivíduos fazendo com que os mesmos não consigam considera diversidade de arranjos familiares. Outro ponto interessante encontrado na pesquisa é o preconceito voltado ao considerar a família nuclear mais unida do que os outros arranjos familiares, (S.) nos relata que sua família é composta por pai, mãe e seus avós, porém ao falar sobre outras configurações familiares nos diz que (S.) *“É que a minha dai fica mais junto e a veis não”*. Desta maneira podemos mais uma vez analisar a importância que é dada a família nuclear que mesmo a maioria das crianças não tendo famílias com configurações nucleares elas ainda continuam acreditando que esta é a família ideal.

Segundo relato de B.:

Muitas crianças moram com avós, duas crianças em específico não conhecem os pais e suas mães trabalham em zonas. No bairro existe uma grande quantidade de crianças negras, e seus familiares são de baixa escolaridade. é visto também muita faixa de preconceito em relação as identidade de gênero pela falta de alfabetização.

Vimos que as crianças e adolescentes consideram suas famílias muito importantes, porém há dificuldades em compreenderem e reconhecerem os diversos arranjos familiares existentes na sociedade, isso nos leva a refletir sobre a necessidade de desconstruir a noção de que a família nuclear é a ideal e repensarmos sobre as diversas configurações familiares, os papéis sociais exercidos pelos seus membros incluindo os papéis de gênero, para alcançarmos uma sociedade mais inclusiva e entendermos que a família evoluiu não se constituindo apenas de família nuclear, seguindo o modelo patriarcal, mas também “família igualitária, socioafetiva, multiparental” (SILVA, BONVICINI, 2016, p.140).

### 3.4 Violência dentro das famílias

Dentre as famílias analisadas encontramos também a violência doméstica, tanto física, como sexual e psicológica. Segundo Silva (2012 p. 3) “[...] a desigualdade entre homens e mulheres desdobra-se e culmina nas diversas formas de violência contra mulher, tendo suas raízes construídas em alguns mitos consolidados ao longo dos tempos”. Neste contexto percebemos que a violência é

uma forma de desigualdade entre homens e mulheres e esta enraizada na sociedade a muitos anos. Esta construção de violência se dá por meio da superioridade de poder, segundo Costa (2008, apud. SILVA, 2012, p.2): “Quando falamos relações de Gênero, estamos falando de poder”. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.

Dessa forma entende-se que por meio as desigualdades de gênero, a mulher é reconhecida como quem deve obediência às ordens impostas por seu marido, sendo assim uma mulher submissa e reprimida por seu companheiro.

Uma família analisada é composta por uma mãe, um padrasto, e uma filha, a mãe relatou que em seu casamento anterior seu marido a machucou muito por agredi-la fisicamente, ela suspeita que sua filha tenha atraso na aprendizagem por consequência dessas diversas agressões. Podemos analisar este contexto visto que por o homem ser considerado na família nuclear o chefe da família ele por sua vez entende que todos devem respeito a ele e a partir do momento que isso não acontece ele se sente no direito de agredir sua/seu companheiro.

Segundo pesquisas realizadas a cada 2 minutos no Brasil uma mulher sofre agressões e estas se dão por seus companheiros e ex namorados em 80% dos casos. O Instituto Patrícia Galvão nos mostra que no ano de 2012, aproximadamente 47.555 mil mulheres foram agredidas (INSTITUTO PATRICIA GALVÃO, 2014).

Uma das imagens mais associadas à violência doméstica e familiar contra as mulheres é a de um homem – namorado, marido ou ex – que agride a parceira, motivado por um sentimento de posse sobre a vida e as escolhas daquela mulher. De fato, este roteiro é velho conhecido de quem atua atendendo mulheres em situação de violência: a agressão física e psicológica cometida por parceiros é a mais recorrente no Brasil e em muitos outros países (INSTITUTO PATRICIA GALVÃO, 2014).

Não podemos classificar que estes fatos se encontram apenas nas famílias nucleares, pois também encontramos um casal de mulheres que vivem juntas por afetividade, que por relato dos/as filhos/as já se agrediram fisicamente, quebrando objetos dentro da residência onde vive (K.).

*Então eu perguntei como era essas brigas se havia agressões ou se era só palavras e ela disse que uma vez a madrasta dela empurrou a mãe dela e acabou socando o vidro que cortou a mão mais foi só essa vez e que o mais*

*frequente é elas jogarem as coisas de vidro no chão os copos os pratos e que sua mãe já quebrou uma televisão no meio dessas brigas. (EDUCADORA I.)*

Segundo Paiva (apud. LELES, 2017) as agressões são reproduções culturais midiáticas, visto que os programas de televisão transmitem a imagem das mulheres sendo agredidas, e as crianças ao verem as agressões acreditam ser uma relação correta ao se reproduzir com o próximo, pois não lhes são explicadas as consequências. Também nos deparamos com o poder sobre o corpo do outro, o se sentir superior a/o parceira/o.

A violência contra as mulheres atua como dispositivo de poder masculino para restabelecer ou manter, simultaneamente no nível individual e coletivo, as posições de domínio varonil e atuar como instrumento de controle para conter as transgressões das mulheres aos tradicionais regimes de gênero, que estariam experimentando transições produzidas por sua inserção no espaço cultural-simbólico, na vida pública e no mercado de trabalho (ALMEIDA, 2014, p. 332).

Estas violências como ditas estão presentes e enraizadas na sociedade vinda de relações de poder estabelecidas e estão presentes tanto em famílias nucleares como em outros arranjos, isso porque se trata de um fenômeno reproduzido socialmente. Outra violência que encontramos trata-se do abuso sexual, estupro, que segundo dados “De acordo com o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados mais de 47 mil casos de estupro no país em 2014, ou seja, uma mulher é estuprada, em média, a cada 11 minutos” (LELES, 2017).

A violência sexual ou abuso sexual, quando acontece com crianças e adolescentes também é uma forma de violência intra familiar, é uma ação frequente nas famílias, porém não possui muita visibilidade justamente por acontecer no interior delas (NEVES et.al, 2010).

A violência contra crianças e adolescentes configura um processo endêmico e global que tem características e especificidades inerentes às diferentes culturas e aspectos sociais. Mas, definitivamente, há abuso do poder disciplinador e coercitivo dos pais ou responsáveis, além da completa expropriação do poder da criança ou adolescente, violando direitos essenciais e comprometendo significativamente o seu desenvolvimento afetivo. (NEVES et. al, 2010, p. 102).

Como dito, a violência é um fato cultural e vem sendo reproduzida na sociedade, ela trata-se de uma violação de direitos do indivíduo que a sofre se caracterizando como uma relação de poder entre o agressor e o agredido. Nesse

contexto a educação social que lida com direitos violados é uma importante arma para desconstruir as relações de poder, dessa maneira mostrando que todos possuem direitos iguais. Assim também a educação formal deve ser uma aliada trabalhando juntamente com a educação social nesta desconstrução, esclarecendo os direitos assegurados perante as leis.



#### **4 AS INFLUÊNCIAS DOS PAPEIS DE GÊNERO ASSUMIDOS E/OU COMO AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO SE INSEREM NAS CONCEPÇÕES DOS PAPEIS DESEMPENHADOS POR HOMENS E MULHERES DENTRO DAS FAMÍLIAS NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS**

Podemos visualizar que através das reconfigurações familiares os papéis sociais se modificaram, a mulher passou a assumir a economia de seu lar, neste contexto encontramos nas observações e entrevistas mães que são responsáveis pelo sustento da família, ao questionar D. sobre quem tem mais responsabilidades em sua casa ele nos diz que: *“Minha mãe [...] porque ela que sustenta”* (D.). Podemos observar que para D. mesmo ele passando mais tempo com sua avó que acaba tendo a responsabilidade de o proteger enquanto sua mãe trabalha, ele nos diz que a sua mãe é a responsável, pois ela é a pessoa que traz o dinheiro para a família. Com isso vemos que as mulheres assumiram a autonomia tanto econômica quanto a de chefe de família (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Oliveira (2009, p. 75) “[...] existem inúmeras famílias em que a mulher exerce papel central na economia doméstica. São as famílias chefiadas por mulheres”. A partir das reconfigurações familiares as mulheres passaram a assumir o papel que anteriormente era considerado responsabilidade masculina visto que o homem era o chefe da família assim sua responsabilidade era manter a família de diversas formas sendo uma delas economicamente.

Evidenciamos também mulheres que foram em busca de trabalhos longe da família como é o caso da entrevistada D.: *“A minha mãe [...] ta pra concórdia trabalhando”*, nesta fala podemos ver que a mulher ao assumir o papel da autonomia econômica também passou a se desprender da responsabilidade de somente cuidar do lar e dos filhos. A mulher começou a lutar por seus espaços e direitos.

Perguntamos para D. qual era sua visão ao referir-se sobre o trabalho de sua mãe: *“É ... é legal também dai eu tava querendo um tablete dai ela mandou um tablete pra mim”* (D.), ao analisarmos a forma que D. pensa sobre o trabalho de sua mãe ela acredita ser bom, pois traz benefícios, o trabalho de sua mãe é uma forma de adquirir mercadorias desejados por ela.

Nos deparamos também com famílias compostas por duas mulheres que mesmo lutando por direitos iguais seguem os padrões impostos pela sociedade, ao questionarmos K. se sua mãe ou sua madrasta trabalhavam *ela disse que: “A minha mãe não, só a minha madrasta, a minha mãe fica em casa cuidando de nois e dos*

*filhos da minha madrasta”(K.)*. Desta maneira podemos analisar que mesmo sendo um casal homoafetivo o papel masculino esta presente, onde há uma pessoa responsável pelo sustento e outra pelos afazeres domésticos e educação das crianças, podemos constatar que os papeis sociais impostos pela sociedade acabam por influenciar até mesmo famílias que possuem uma configuração familiar diferente da nuclear, evidenciamos isso quando ao ser questionado o irmão de K.se refere a madrasta como padrastra.

## **5 A ATUAÇÃO DO/A EDUCADOR/A DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DOS PAPEIS DE GÊNERO E ARRANJOS FAMILIARES**

Neste capítulo trataremos sobre o papel do educador social. Há muitos anos que o educador social tem sido visto como um indivíduo que faz caridades, que distribui cestas básicas e ajuda os mais necessitados com boas ações. Porém podemos analisar que não há problemas se o educador social por sua livre e espontânea vontade quiser ajudar alguma família que esteja passando por alguma dificuldade, contudo segundo Muller e Rodrigues (2002) o educador social tem a responsabilidade de desempenhar o seu papel desenvolvendo atividades lúdicas, políticas e pedagógicas, valorizando sempre o respeito e o compromisso, as reflexões sobre direitos e deveres das crianças e adolescentes nas atividades e intervenções realizadas. Ele deve também promover ações que direcionem as crianças e adolescentes a emancipação, seu papel é o intermeio entre o problema e a solução do mesmo.

Para que esses processos aconteçam é necessário que haja uma ligação entre as crianças e os adolescentes com o educador/a social. Este elo se dá por meio do diálogo e atenção às/aos educandas/os. No projeto este vínculo foi conquistado através de persistência. No início da realização das atividades no bairro, todos os acadêmicos participantes se dividiam e passavam de casa em casa convidando as crianças para irem à pracinha brincarem. E esse procedimento de chamar as crianças foi um ponto primordial, pois com o passar do tempo às crianças iam sozinhas no horário que eram chamadas anteriormente. Todas as vezes que tinha intervenção às crianças estavam na pracinha pontualmente. Muller e Rodrigues (2002, p. 207) afirmam que: “É a partir dessa relação educador/educando que os educadores podem adquirir segurança nas suas ações e maneiras de intervir em um contexto diferente do seu”.

O educador social por meio de suas ações busca transformar a sociedade, nesta busca procura-se uma sociedade com pessoas mais humanizadas, que saibam viver, trabalhar em coletivo e também lutarem pelo direito das crianças e adolescentes. Vemos que dentro da educação social inúmeras pessoas possuem formações em áreas diversas, mais que atuam como educador social. Dentre estes educadores estão os professores/as de educação física no qual abordaremos no próximo tópico.

### 5.1 Papel do/a professor/a de educação física na educação social

Ao tratarmos de “Educação” conseqüentemente vem em nosso pensamento à educação vinculada à instituição escolar, porém segunda a Lei de Diretrizes e Bases à educação ocorre em diversos âmbitos: na família, no trabalho, nos movimentos sociais, nas manifestações culturais, nas organizações da sociedade civil e na convivência humana (BRASIL, 1996).

A educação é indispensável na vida de qualquer indivíduo, seja na menor ou maior idade, todos necessitam de educação, porém é na escola onde ocorre o processo mais intenso que é a troca do ensinar e aprender. Dentre os conteúdos escolar se encontra a Educação Física que também discute essas relações entre professor e aluno e troca de saberes. Na Educação Física existe cinco conteúdos estruturantes que são: esportes, jogos e brincadeiras, ginástica, lutas e danças, no desenvolvimento desses conteúdos busca-se trabalhar as relações sociais, a cultura e também a educação.

Neste aspecto trazemos o papel da Educação física por Taffarel (2017, p. 53):

A educação física como uma disciplina escolar tem a tarefa de educar, de promover a capacidade humana de, em condições objetivas, aprender e se desenvolver nas relações interpessoais, e de se auto-educar nas relações intrapsíquicas.

Essa autora nos traz que a educação física não deve apenas ser um componente curricular nas escolas, mas deve ser também trabalhada fora do âmbito institucional, pois é através da interação do indivíduo com projetos sociais fora do âmbito escolar que a criança e o adolescente podem desenvolver a interação com o ambiente social.

Com isso podemos dizer que como um componente curricular importante e obrigatório nas fases iniciais educacionais, a educação física facilita essas relações, dando apoio para com que a educação social juntamente com a educação física trabalhe na comunidade com as crianças e adolescentes e também com pais/mães, familiares.

As ações da educação social brasileira estão ainda, muito centradas nas crianças e adolescentes, assim, muitas vezes as ferramentas utilizadas para estas intervenções são os jogos e brincadeiras, temos

no contexto da Educação Social a atuação de muitos professores de educação física que apresentam grande proximidade formativa e metodológica com estas expressões da cultura lúdica. Os jogos, esportes, brinquedos e brincadeiras são meios importantíssimos como estratégia de aproximação e abordagem da Educação Social (MULLER; RODRIGUES, 2002, p. 34).

No projeto utilizamos a área da Educação Física juntamente com a área da Educação Social, pois acreditamos que elas se complementam. Vemos que o professor de Educação Física, possui papel fundamental nos projetos sociais, pois como o próprio nome diz ele é responsável pelas atividades realizadas com o corpo em todos os aspectos físicos, emocionais e sociais. Na área da educação social vemos a necessidade de apresentar as crianças e adolescentes o direito da emancipação. E esse processo pode ocorrer através das brincadeiras e práticas de atividades realizadas no projeto brincadeiras.

Com isso buscamos realizar no projeto uma atuação que valorize o diálogo, compromisso e respeito. As brincadeiras que são trabalhadas são escolhidas e desenvolvidas com a participação das crianças e dos adolescentes, pois por meio desta participação nas decisões e nas regras discernirão o caminho para a emancipação e o reconhecimento dos seus direitos e deveres.

Como já citado no capítulo dois, as reuniões do projeto são realizadas as segundas-feiras, nestas reuniões tratamos também sobre as brincadeiras, jogos e assuntos importantes que deveram ser tratados com as crianças e adolescentes na próxima intervenção. Por exemplo, no dia das crianças queríamos realizar uma atividade diferente, queríamos levar as crianças para passar uma tarde com várias brincadeiras no “Sapecadão”<sup>5</sup> (quadra de esporte, na qual as aulas do curso de Educação Física se realizam).

Então nos preparamos nos dias das reuniões com os materiais, brinquedos e brincadeiras que iríamos proporcionar e utilizar. Uma semana antes da realização do evento, confeccionamos bilhetes e levamos para as crianças, para que elas assumissem o compromisso de levar aos pais/mães ou responsáveis assinarem, e trazerem no dia das atividades no ginásio de esportes.

Ao chegarmos no Sapecadão, dividimos as crianças em equipes. Para um grupo de sete a oito crianças, havia dois educadores responsáveis. Este planejamento era para manter a organização das crianças e adolescentes e elas

---

<sup>5</sup> Ginásio de Esporte localizado na Avenida Espanha, nº168.

poderem perceber que precisavam respeitar. Os educadores do projeto elaboraram um circuito de atividades no interior do ginásio, como: estourar balões, pega vareta gigante, não deixar o arco relar, passa bambolê. Então explicamos as atividades preparadas para eles, as atividades aconteceriam em forma de circuito, as crianças e os adolescentes teriam que passar por todas as atividades para concluir esse circuito. As brincadeiras foram pensadas para trabalhar a coletividade, o companheirismo e respeito com os parceiros.

As escolhas das atividades não são elaboradas apenas nos dias de eventos fora do bairro, além das brincadeiras trazidas e proporcionadas pelos/as educadores/as, as crianças e adolescentes também podem trazer de suas casas suas culturas, brincadeiras que gostam. Dessa forma a educação social trabalha a educação física, a cultura lúdica e a cultura corporal.

Com isso podemos realizar uma troca de conhecimentos entre educando e educadores/as. Por meio dos exemplos de atividades citadas acima, procuramos sempre conversar e fazer com que haja uma reflexão sobre o contexto por trás de cada atividade desenvolvida, sejam pontos positivos como uma brincadeira realizada com satisfação, ou negativos como discussões, brigas e palavras ofensivas. Após cada intervenção realizamos “roda da conversa” e abrimos espaço para que as crianças e os adolescentes opinem sobre suas atitudes e as consequências que podem ocorrer devido aos conflitos gerados. Procuramos sempre conversar sobre as atitudes e acontecimentos positivos ou negativos que acontecem nas intervenções. Exemplo: Em uma intervenção estávamos brincando de pega – pega, dois meninos P1 e P2 começaram a se apelidarem de viados, bichinha, entre outras palavras. Nós então intervimos, paramos a brincadeira e proponhamos uma conversa, perguntamos o que estava acontecendo. P1 falou novamente as palavras acima e disse que o P2 era um viadinho. Então perguntamos se o P2 era alguma espécie de animal? Pois veado se trata de um animal e não um ser humano. Perguntamos também se eles estavam gostando da atitude que estavam tendo em ouvir um dizer para o outro aquelas palavras? E imediatamente disseram que não. Os educadores questionaram os dois meninos sobre suas ações. P1 queria ofender P2 dizendo que ele era Gay, P2 não gostando repetiu a frase para tentar devolver a “ofensa” à P2, nós então explicamos que cada pessoa tem direito de ser como quer, de viver da maneira como quer e ninguém tem o direito de interferir, ou ofender. Pois assim

como eles tem suas vidas e não gostam que as pessoas interfiram, eles também não podem fazer isso. Devem respeitar cada pessoa como elas são.

## 5.2 Configurações familiares e a necessidade de uma educação inclusiva

Com as transformações e os novos arranjos familiares buscamos analisar o que as escolas estão trabalhando com a comunidade escolar na discussão desse tema. Neste tópico vemos que a família e a escola devem andar lado a lado, pois a família é a base da sociedade e a escola é considerada como uma esclarecedora do meio social. Podemos constatar por meio da análise dos dados que a escola encontra dificuldades ao reconhecer configurações familiares diferentes da família tradicional.

Segundo Marcos (2012) os professores por não aceitarem as novas configurações procuram não trabalhar as relações de gênero em suas aulas, pois justifica-se que ao trabalhar estas questões em salas de aulas podem influenciar as crianças e adolescentes a desconstruírem a visão de família ideal, denominada pela literatura de “família nuclear”. Neste contexto podemos notar um problema da escola com os papéis sociais, pois os professores, gestores e funcionários deixam os seus conceitos e idealizações acima dos conteúdos que devem ensinar aos/as alunos/as.

Um dos papéis que a escola possui é o de estimular o respeito e a interação. Podemos visualizar na fala de D. *quando questionamos sobre os conteúdos relacionados a família no âmbito escolar. “Das maiorias das vezes é desenho [...] A aparece ... escrito sim em cima é uma família ... alguma coisa sim dai é né aparece desenhim tipo o pai a mãe a irmã e a vó e o tio”*. Podemos constatar que para as escolas, o conceito de família é a composição de uma figura masculina e feminina com seus respectivos filhos/as. Dessa maneira podemos refletir sobre os constrangimentos causados as crianças e adolescentes e as famílias que não são consideradas como família nuclear.

A literatura nos apresenta diversos tipos de arranjos familiares. Para Facó e Melchiori (2009) existem cento e noventa e seis (196). Ao se trabalhar família no meio escolar, no trabalho e nas organizações da sociedade civil deve-se trabalhar todas as configurações familiares, as constituídas por mães e seus/suas filhos/as, por avós, filhos/as e netos/as, crianças que moram com pessoas por afetividade, pois não conhecem o pai e assim moram com padrasto, irmãos/as de consideração e avós, casais homoafetivos com filhos de relações anteriores entre diversos outros arranjos.

“A instituição família, bem como a instituição escolar, são ferramentas primordiais no desenvolvimento social, emocional, cultural e cognitivo do indivíduo, ao mesmo tempo em que são transmissoras do conhecimento e dos valores éticos culturais (SANTOS; TONIOSSO, 2014, p.127-128).

Nas escolas são trabalhadas separadamente as datas comemorativas “Dia das mães” e “Dia dos pais”, neste contexto vemos uma barreira imposta perante as famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo, podemos ver na fala de D. ao questionar sobre a representatividade, se o pai for na apresentação comemorativa no lugar da mãe ou vice e versa *“pode ir [...] só que não vai se representado”(D.), “porque é dia das mãe e não dos pais” (M.)*. Podemos ver que através destas separações as famílias acabam sendo representadas levando em consideração apenas as compostas por pais e mães presentes em seu convívio familiar.

Evidenciamos também relatos de uma educadora que em meios as brincadeiras do projeto conversa com uma criança e ela relata sobre preconceitos em meio educacional (Educadora L.):

*Então perguntei se na escola as crianças falavam algo pra ela sobre o relacionamento da mãe dela, ela disse que direto pra ela não, mas que às vezes falam e ela escuta mas finge que não, e deixa pra lá porque ela não se importa com o que os outros dizem.*

Ainda no ambiente escolar vemos preconceitos dos professores. O estudo realizado por França (2014, p.4), apresenta que ao ser mostrado imagens de famílias homoafetivas para professores/as, obteve-se a seguinte afirmação de uma delas: “[...] Para ser família tem que ter pai, mãe e filho, isso pra mim (refere-se à imagem da família homoafetiva) não foi uma família constituída, foi uma família montada”.

Desta maneira evidenciamos uma reprovação realizada em meio às pessoas, seja de forma direta ou indiretamente vindas de professores/as, alunos/as e também da sociedade. Dessa maneira as escolas juntamente com a sociedade levando em consideração as diversidades entre as configurações familiares, devem pôr em discussão para que não haja mais a separação entre o papel masculino e feminino e sim o dia da família. Que a escola trabalhe com seus alunos a diversidade de arranjos familiares, pois como identificamos não existe apenas uma única configuração familiar e sim cada vez mais as famílias estão se reconfigurando e criando novos arranjos.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se com este estudo identificar quais as configurações familiares das crianças participantes do Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR, e as influências dos papéis de gênero assumidos e/ou como as representações de gênero se inserem nas concepções desempenhadas por homens e mulheres dentro das famílias e as possibilidades de uma educação inclusiva.

Observamos que as famílias das crianças e adolescentes são muito diversificadas, sendo compostas por casais homoafetivos e filhos/as de relacionamentos anteriores, mães e seus filhos/as, famílias onde crianças não conhecem o pai e moram com padrasto, avó netas/os e irmão de consideração, famílias com a presença de uma mãe, avó e neto, entre outras. Porém mesmo dentre essas diversidades de arranjos familiares, constatamos que a família nuclear é considerada nas concepções das crianças e adolescentes como à família ideal, a família que traz segurança, mesmo ao evidenciarmos as violências relatadas por participantes da pesquisa, famílias constituídas sem a presença do papel masculino e famílias homoafetivas.

Dentre estes fatores podemos justificar essa questão, é possível destacar a presença do conceito enraizado trazido pela sociedade que diz que a família é aquela composta por pai, mãe e filhos/as, visto que o papel do homem era considerado como o chefe da família e a mulher a dona do lar, com isso podemos perceber que as influências que a sociedade postula, faz com que as crianças e adolescentes mesmo não fazendo parte de uma família nuclear acredite na falsa ilusão de ser a família considerada correta.

Também observamos a autonomia e a presença feminina como principal responsável pelas finanças do lar. Com as novas configurações familiares as mulheres passaram a trabalhar permitindo-se assim ser a mantenedora do lar, dentro deste contexto também encontramos casais homoafetivos (femininos) que desempenham papéis impostos pela sociedade, na qual cada uma delas cuida dos filhas/os e do lar enquanto a outra trabalha fora, assim representando o papel masculino sendo chamada de padrastra pelas crianças que fazem parte deste arranjo familiar, dessa forma evidenciamos que a cultura e o conceito de paradigmas impostos pela sociedade do que é correto e o que não é, ainda são seguidos pelas composições familiares.

Considerando a educação como um meio que tem a responsabilidade de trabalhar com a interação, o desenvolvimento da sociedade e o respeito um para com o/a outro/a, a partir do projeto procuramos analisar o que está sendo trabalhado nas escolas para que a sociedade compreenda melhor as diversidades dos arranjos familiares. Nesta análise nos deparamos com um trabalho que prioriza a família nuclear, tanto no interior de salas de aula, quanto em datas comemorativas. Nestas datas são separados o dia da mãe e o dia do pai, não levando em consideração que as crianças fazem parte de composições familiares diferentes, pois nem todas têm contato direto com seus pais, suas mães, ou possuem duas mães ou dois pais, moram com avós, tios, tias dentre outras pessoas que compõem uma família.

Desta maneira a escola juntamente com a sociedade deve trabalhar e discutir a melhor forma de unir as pessoas das composições familiares e não realizarem essas separações de classes, de gênero, entre outros fatores. Desta forma deveria constituir o dia da família, sendo uma única data para representar todas as pessoas que fazem parte das famílias das crianças, pois desta maneira haveria um maior acolhimento e respeito perante a escola e também no ambiente em que vivem.

Para trabalhar essas desconstruções dentro da escola podemos utilizar a educação física como base, nos apropriando dos conteúdos como os jogos e brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginástica. Esses conteúdos são leques de possibilidades e de espaços que permitem a realização de discussões durante as atividades. Em muitas aulas de educação física nos deparamos com a separação de sexos no momento da realização das atividades, assim como no “esporte”, por exemplo, há uma separação entre atividades de meninos e meninas, se a aula for sobre o futsal as meninas são barradas de participar, pois são vistas como pessoas sem habilidades, na dança o mesmo ocorre com os meninos, pois culturalmente é visto como algo delicado “característica do público feminino”. Esses paradigmas precisam ser desconstruídos dentro das escolas, pois a educação física tem o dever de educar e promover as relações humanas uma vez que é através dessas relações que as/os alunas/os interagem entre si e passam a ter contato com o meio social, portanto vemos a importância de se trabalhar dentro da educação física a inclusão e também os direitos iguais entre as pessoas.

Neste contexto a educação social vem ao encontro das necessidades da educação formal, podendo por meio de seus conteúdos auxiliar na desconstrução

dos preconceitos, trabalhando a inclusão, a interação e o respeito com o próximo e suas diferenças. Desse modo o *Projeto Brincadeiras com Meninas e Meninos do Vale do Ivaí/PR*, tem o papel de levar por meio de jogos e brincadeiras os princípios da educação social, a garantia do conhecimento de direitos e deveres, o auxílio na desconstrução de preconceitos em relação a gênero e aos papéis assumidos socialmente, contribuindo para a construção e consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, T. M. C. Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. **Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, p. 329- 340. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-6992201400020002>>. Acesso em: 05 maio 2018.
- BACELLAR, R. A. B. **Século 21 em ação: novas famílias constroem uma sociedade alternativa.** 2014. Disponível em: <<http://www.jornaldeluzilandia.com.br/txt.php?id=28289>> . Acesso em: 05 maio 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Lei 8.069 Estatuto da Criança e Adolescente, de 13 de Julho de 1990.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRITO, S.B. **Estratégias de abordagem e intervenção na Educação Social: no Projeto Brincadeiras com Meninos e Meninas de/e nas ruas na cidade de Ivaiporã-PR.** 2016. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2016.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAHALIL, Y. S. Constituição (Org.). Código do Processo Civil. 5 ed. São Paulo: RT, 2004.
- COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres.** 2008. Disponível em: <[http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos\\_pdf/Empoderamento.pdf](http://www.adolescencia.org.br/empower/website/2008/imagens/textos_pdf/Empoderamento.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- DALLABONA S.R; MENDES S.M.S. O lúdico na educação infantil. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG.** Santa Catarina, Vol. 1 n. 4 - jan.-Mar., 2004. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-16.pdf>> . Acesso em: 01 de Junho de 2017.
- HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- GALVÃO, I. P. **Violência Doméstica e Familiar.** 2014. Disponível em: <<http://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/>>. Acesso em: 18 maio 2018.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOLDANI, A. M. A família no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. **Cadernos Pagu**, v. 1, p. 67-110, 1993.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997

GUARESCHI, N. M. d. F. Escolas e Gênero: elas brincam de roda - eles jogam bola. In.: CARDOSO, R. S.(org.).**É uma mulher...** Petrópolis, 1994.

FACO, V. M. G; MELCHIORI, L. E. **Conceito de família: adolescentes de zonas rural e urbanas**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FERREIRA, M; LOGUECIO, R. Q. A Análise de Conteúdo como e Estratégia de Pesquisa Interpretativa em Educação em Ciências. **Revelli – Revista De Educação, Linguagem E Literatura**, Inhumas/Goiás Brasil, v. 6, n.2, p 33-49,Out., 2014.

FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, v.14, n.3 p. 89-101, set/dez., 2003.

FRANÇA; F. F. Família e escola: saberes docentes sobre gênero e sexualidade na educação básica. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, Londrina, 2014. **Anais**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014 Disponível em: <[http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7\\_Fabiane%20Freire%20Fran%C3%A7a.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT7_Fabiane%20Freire%20Fran%C3%A7a.pdf)> . Acesso em: 08 abr. 2018.

FURLAN, C. C.; MÜLLER. O brincar e as relações de gênero: reflexões de crianças e docentes. **Educação** – Santa Maria, v.40, n. 3, p. 711-722, 2015.

FURLANI, J. **O bicho vai pegar: um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

LELES, B. **Violência sexual está relacionada à cultura reproduzida na sociedade**, 2017. Disponível em: <<https://site.medicina.ufmg.br/inicial/violencia-sexual-esta-relacionada-a-cultura-reproduzida-na-sociedade/>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

LOURO, G. I. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAGER, M. et al. **Práticas com crianças e adolescentes e jovens: pensamentos decantados**. 1. Ed. Maringá: EDUEM, 2011.

MARCOS, S. C. A família contemporânea e a educação infantil: um estudo sobre as concepções de famílias presentes nos planos diretores. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2012, Campinas, 2012. **Anais Eletrônicos**. CAMPINAS: Unicamp, 2016. Disponível em: <[http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos\\_template/upload\\_arquivos/acervo/docs/3383p.pdf](http://www.infoteca.inf.br/endipec/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3383p.pdf)>. Acesso em: 03 jun 2017.

MEYER, D. E. Gênero, Sexualidade e Currículo. **Salto para o Futuro. Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII , p.15-19, Boletim 26, Nov., 2008.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MINUCHIN, P. Families and individual development: provocations from the field of Family therapy. **Child Development**, v 56, p. 289-302, 1985.

MÜLLER, V.; RODRIGUES, P. C. **Reflexão de quem navega na educação social. Uma viagem com crianças e adolescentes**. Maringá: Clichetec. 2002.

NEVES; A. S. ET. AL. Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas em Psicologia**, v. 18, nº 1, p. 99 – 111, dez. 2010.

OLIVEIRA, N. H. D. **Família Contemporânea família & famílias: configurações familiares na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 2009.

OSÓRIO, C. A socialização escolar: educação familiar e escolar e violência de gênero nas escolas. **Outras vozes** (Mozambique), n. 19, p. 1-9, maio, 2007.

PIZZI, M. L. G. Conceituação de família e seus diferentes arranjos. **Revista Eletrônica LENPS PIBID Ciências Sociais UEL**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 01-09, 2012.

PRÁ, D. **A Diversidade na Configuração Familiar: Uma Revisão da Literatura**. 2013. f.33. Trabalho de Conclusão de Curso-Especialização- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

SANTOS, L.R; TONIOSSO, J.P. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 122-134, 2014. Disponível em: < <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074149.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

SEFFNER, F. Gênero, sexualidade, violência e poder. **Salto para o Futuro. Educação para a igualdade de gênero**. Ano XVIII , p.15-19, Boletim 26, Nov., 2008.

SILVA, C. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco**. 5ª ed. mar/2012. Disponível em: [http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade\\_imposta.pdf](http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf). Acesso em: 24 setembro. 2017.

SILVA, L. B. L; BONVICINI, C. R. Novas configurações familiares: estudo dos efeitos jurídicos e afetos. **Revista Brasileira de Direito Constitucional Aplicado**, Centro de Ensino Superior de São Gotardo – CESG, v. 3, nº 2, p. 139-154, Jul./Dez., 2016.

SILVA, R; NETO, J. C. S; MOURA, R. A. (orgs). **Pedagogía Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

SOARES,N.F;SARMENTO,M.J;TOMÁS,C. Investigação e Crianças como Investigadoras: Metodologias Participativas dos Mundos Sociais das Crianças. **Nuances: estudo sobre educação**, ano XI, v. 12, n. 13, jan./dez., 2005. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/viewFile/1678/1593>>. Acesso em: 01 Junho de 2017.

SOUZA, C. R. T; MÜLLER, V.R. Educador Social: Conceitos Fundamentais Para Sua Formação. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009. Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2009.

SOUZA, J. F. Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil. 1995. Disponível em: < [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf)>. Acesso em: 20 fev 2018.

TAFFAREL; C. Z. Equilibrar – Um Tema Fundamental para o Ensino na Educação Física, **Kinesis**, Santa Maria, v.35 n.1, p. 41 – 58 , jan. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad. Significados, mitos y sexualidades modernas**. Madrid: Talasa, 1993.

ZANINI, D. **O que é Pesquisa Etnográfica?**, 2015. Disponível em: <<http://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/o-que-e-pesquisa-etnografica/>>. Acesso em: 03 de junho de 2017.

## APÊNDICE A

### **Roteiro de observação**

- 1- Observar pelo bairro as famílias das crianças participantes do projeto;
- 2- Observar se as famílias das crianças são estruturadas de maneiras tradicionais ou existem outros arranjos familiares;
- 3- Observar quais as reações das crianças em relação as profissões dos pais e o que eles reconhecem por chefe da casa e quem possuem mais responsabilidades;
- 4- Observar se em meio as brincadeiras as crianças age de maneira parecida com atitude que possam falar que seus pais fazem ou falam,
- 5- Observar também se apresentam a opinião sobre um comandante dentro de sua família.

## APÊNDICE B

**Roteiro de entrevista semiestruturada**

- 1- Com quem você mora?
- 2- O que você considera família?
- 3- Do que você mais gosta de brincar?
- 4- Você brinca de boneca ou só de carrinho?
- 5- Seus/as Pais/mães, família trabalham?
- 6- O que você acha do emprego deles?
- 7- Na sua casa quem mais coloca ordem?
- 8- E quem faz mais serviços domésticos?
- 9- Quem tem maior responsabilidade em cuidar das/os filhas/os?
- 10- Na sua escola você escuta falar sobre família? Ou só escuta falar nos dias comemorativos?
- 11- Em sala de aula vocês realizam atividades que contêm desenho de famílias?
- 12- Você conhece famílias diferentes da sua?

## Apêndice C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES**

Gostaríamos de solicitar sua autorização para a participação de seu filho(a) na pesquisa intitulada 'configurações familiares e influências nas concepções de gênero das crianças e adolescentes do projeto brincadeiras com meninas e meninos do Vale do Ivaí', que faz parte do curso de educação física e é orientada pela prof. ms. Cássia Cristina Furlan e coorientado pela prof. dra. Paula Marçal Natali da Universidade Estadual de Maringá Campus Regional do Vale do Ivaí. O objetivo da pesquisa é identificar as concepções das crianças, participantes do Projeto Brincadeiras com meninas e meninos do Vale do Ivaí, sobre configurações familiares e o papel desempenhado por homens e mulheres dentro das famílias. Para isto a participação de seu filho(a) é muito importante, e ela se daria na forma de respostas a uma entrevista, a partir de um roteiro previamente elaborado. As respostas serão gravadas pela pesquisadora e posteriormente transcritas, as gravações serão descartadas posteriormente. Salienta-se que a sua identidade será sigilosamente preservada, pois nas transcrições das entrevistas não será identificado o nome dos participantes entrevistados e, as transcrições das entrevistas serão utilizadas apenas para fins de divulgação e publicação técnica e/ou científica da pesquisa e serão descartados posteriormente a análise de dados, solicito a sua autorização para o uso dos dados observados. Informamos que poderão ocorrer os desconfortos/riscos a seguir: possibilidade de questionar crenças e valores culturais estabelecidos e a criação familiar. Gostaríamos de esclarecer que a participação de seu filho(a) é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar tal participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa ou à de seu filho(a). Os benefícios esperados são colaborar para o crescimento de estudos na área da educação social e gênero. Estimular nas crianças e educadores a reflexão ou desconstrução de estereótipos e preconceitos acerca do brincar.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços a seguir ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito de pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome por extenso do responsável pelo menor) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pelo Prof.....(nome do pesquisador responsável).

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Campo para assentimento do sujeito menor de pesquisa (para crianças escolares e adolescentes com capacidade de leitura e compreensão):

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa /menor de idade) declaro que recebi todas as explicações sobre esta pesquisa e concordo em participar da mesma, desde que meu pai/mãe (responsável) concorde com esta participação.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Isys Mara Kurtz de Souza

Endereço: Av Castelo Branco 400- Ivaiporã/PR

(telefone/e-mail): [isyskurtz2015@gmail.com](mailto:isyskurtz2015@gmail.com)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br)

## ANEXOS

### Fotos do evento em comemoração ao dia das crianças



Passa bambolê



Não deixe o arco relaxar



Pega vareta gigante



Estourar balões



Quebra- cabeça